CONDITORES

† Prof. Basílio Freire — † Prof. Geraldino Brites — Prof. Maximino Correia

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

MODERATORES

Prof. MAXIMINO CORREIA — Prof. A. TAVARES DE SOUSA

INDEX

Divaldo Gaspar de Freitas — *Brasileiros, Professores de Medicina em Coimbra* . . . . . N 1

A. Pacheco Viana — *Acêrca de uma variedade rara de músculo angular da omoplata* . . . . . N 2

Silva Pinto — *Sobre a histoquímica da córnea — I-Substâncias sulfidriladas e metacromáticas* . . . . . N 3

Vol. XXVIII

1953

«IMPRENSA DE COIMBRA, L.DA»

MCMLIII

FOLIA ANATOMICA
VNIVERSITATIS
CONIMBRIGENSIS

VOL. XXVIII N.º 1

BRASILEIROS, PROFESSORES DE MEDICINA EM COIMBRA *

POR

DIVALDO GASPAR DE FREITAS

À Universidade de Coimbra, instalada nas margens do Mondego por el-rei D. Dinís, provàvelmente em Outubro de 1308, afluiram, desde remotas eras, os filhos dos «Senhores de engenho», não só para colherem uma ilustração que os pudesse colocar num plano superior ao dos seus conterrâneos, mas principalmente para virem exercer a profissão nas suas terras de origem, onde os diplomados quase não existiam, para torná-las grandes, prósperas, felizes e respeitadas pelo mundo culto.

Coimbra, cérebro e coração de Portugal, era o farol que espargia o seu foco luminoso por todos os quadrantes da terra, atraindo jóvens estudantes e também Mestres, que sentiam um certo orgulho em pertencerem à sua Universidade. E eles para lá iam, sequiosos e contentes, uns para usufruir os conhecimentos ministrados pelos «Lentes» e outros para assumir as cátedras

---

* Apresentado ao «I Congresso Brasileiro de História da Medicina» (Rio, 1951). Lido no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, em 27 de Outubro de 1952.

CENTRO HISTÓRICO VIVA
ROMULO DE CARVALHO

magistrais. O Brasil, directa, e intimamente ligado a Portugal, deu farto material humano à Universidade de Coimbra, e alguns dos seus filhos ali se houveram com dignidade e brilhantismo, chegando a ocupar cargos de destaque no corpo docente universitário.

Alicerçado na preciosa obra de Francisco Morais, «Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil», tomei um rumo seguro, acompanhando os brasileiros que frequentaram a Universidade de Coimbra desde 1577 até aos nossos dias. Nesse valioso e excelente volume, vemos que já no século XVI 13 rapazes do Brasil lá se matricularam, aparecendo em primeiro lugar Manuel de Paiva Cabral, nascido em Pernambuco e que se formou em Leis em 3 de Junho de 1586.

Na centúria imediata, o número de inscrições foi deveras considerável, ascendendo a 354 alunos, entre os quais estavam Gregório de Matos (1651), Manuel Botelho de Oliveira, advogado de grande fama, literato e poeta (1657), Alexandre da Silva Correia, lente da Faculdade de Leis e de Instituta (1657), José Borges de Barros, professor de Filosofia e Teologia (1679), Sebastião do Vale Pontes, distinto orador sacro (1682), João Mendes da Silva, insigne poeta (1685), João Calmont, sócio da Academia dos Esquecidos (1688) e Agostinho de Sousa Mendonça, mestre em Artes (1697). Nesse século, pois, a Universidade de Coimbra teve como professores três homens nascidos no Brasil.

Em 1615 aparece-nos o primeiro aluno matriculado na Faculdade de Medicina, Belchior Bebentão, filho de Tomás Bebentão, natural do Brasil, não havendo indicação de que tenha terminado o curso. É a Fernão Rodrigues Vassalo, nascido em Pernambuco, que cabe a honra de ser o primeiro filho do Brasil a formar-se em medicina, o que se verificou em 14 de Junho de 1642. Depois dele, outros ali receberam o ambicionado diploma na Arte de Hipócrates: Manuel de Matos Viveiros, António Pereira da Cruz, José de Sousa de Mendonça, Paulo

Ximenes, todos da Baía, José Ramires do Vale, António Correia Ximenes, Diogo Cardoso Coutinho e João Ferreira, naturais do Rio de Janeiro, etc., num total de 17.

O Brasil-Colónia necessitava de médicos próprios, filhos do seu solo, que mais ìntima e profundamente sentiam as angústias e o desamparo de uma grande população que sofria, sem possibilidades de um lenitivo para as suas dores físicas, e por isso não é de estranhar que acorresse um grande número à Universidade de Coimbra, único centro científico do Reino. Por outro lado, o Brasil viveu, durante longos anos, completamente esquecido pela Metrópole, no tocante aos problemas médicos e assistenciais. «Licenciados obtusos, sem clínica e sem renome, só começaram a ser conhecidos quando a exegese do povoamento reinol os exhumou, no cadastro das viagens, da obscuridade em que viviam em Portugal. A maioria dos que viajavam para cá era a dos vencidos na falência da profissão» (1). É certo que Portugal enviou um médico com a armada de Pedro Álvares Cabral, Mestre João, bacharel em Artes e Medicina e cirurgião de el-rei, mas Mestre João nada fez em prol da medicina, pois era sobretudo um astrónomo e como tal determinou a latitude do lugar onde se encontravam ancorados e deu o nome de Cruzeiro do Sul à constelação cruciforme do firmamento brasileiro. Com a partida de Mestre João, a 1 de Maio de 1500, ficou o Brasil mais de meio século sem ser visitado por um discípulo de Esculápio. Em 1553, eis que surge o licenciado Jorge Fernandes, nomeado por alvará de 20 de Abril para o cargo de físico da cidade do Salvador. Outros se lhe seguiram: Mestre Pedro e Jorge Valadares (1553), Afonso Mendes, cirurgião-mor da cidade de Lisboa (1557), Aleixo de Abreu, médico de Filipe IV (princípios do século XVII), Curvo Semedo, facultativo de D. João V (1691), José Rodrigues de Abreu, médico da Casa Real

(1) Lopes Rodrigues, *Anchieta e a medicina*, pág. 115.

e físico-mor da Armada (1705), Luís Gomes Ferreira, cirurgião do Hospital de Todos-os-Santos (1707), Bernardino António Gomes, um dos maiores patologistas da medicina colonial (1798), etc., etc.. Mas eram tão poucos para a imensidão territorial brasileira!...

Os jesuítas portugueses, aqui aportados pela primeira vez em 1543, tentaram suprir a falta de médicos, tratando com inexcedível carinho os doentes e ministrando-lhes alguns remédios indígenas e também plantas medicinais. Em seu noviciado da Europa eles haviam adquirido prática suficiente para um socorro médico de urgência; em cada missionário existia, a bem dizer um médico, e tanto que os indígenas chamavam-lhes o seu «poçanha», isto é, a sua verdadeira medicina (2). O próprio Anchieta escreveu: «em Piratininga servi de médico e de barbeiro, curando e sangrando a muitos daqueles Indios, dos quais viveram alguns de quem se não esperava vida, por serem mortaes muitas daquelas enfermidades.» (3)

A população do Brasil-Colónia aumentava, as doenças surgiam e Portugal parecia indiferente a esse sério e magno problema! É bom lembrarmo-nos, porém, que na Metrópole não havia físicos em quantidade suficiente e os poucos que existiam não trocariam, como é racional, o conforto do Reino pelas incertezas e falta de comodidades na possessão ultramarina que surgia. Se em Lisboa havia, em 1620, cerca de 60 médicos, 40 cirurgiões, 153 barbeiros-sangradores e 200 cristeleiras (4), o que se poderia exigir na imensa colónia sul-americana?

São Paulo de Piratininga também tinha necessidade absoluta de médico; havia apenas barbeiros aplicadores de sanguessugas e curandeiros afeitos à prática de bebe-

---

(2) Renato Clark Bacelar, *Origens da medicina em Portugal e no Brasil*, Notas Científicas Roche, 1946, pág. 187.

(3) Idem, pág. 187.

(4) Idem, pág. 212.

ragens empíricas. Sòmente a 16 de Agosto de 1597 é que se instalou, oficialmente, o primeiro serviço médico-sanitário: «nesta villa avia muitas pessoas que de fora vinhão e outros que não herão examinados curavam feridas e fazião sangrias por toda a terra e que pois havia na villa antonio roiz barbeiro e home exprimentado e examinado, que era bom fazelo juiz do oficio e que sen sua horden e sen ser visto todo o que asi curar não possa fazer ne huzar da dita cura e sãgrias sen sua licença de examinação salvo que en suas cazas o faz e mostrem o fazer per necessidade ou en neguoçio e cazo frutuito não sendo achado o dito antonio roiz farão as ditas curas e sãgrias pessoas que ho souberem fazer.» (5) Os vereadores decretavam, pois, a nomeação de um barbeiro para assumir oficialmente o cargo de médico de São Paulo!

O Brasil ia-se desenvolvendo e o problema médico continuava aflitivo. Da Metrópole vinham alguns cirurgiões, mas nunca os melhores; muitos deles acompanhavam as naus que periòdicamente visitavam a Colónia e só se demoravam nos portos o tempo suficiente para a descarga e a carga, pelo que, partidas aquelas, os moradores viam-se entregues, de novo, à inépcia dos barbeiros e dos práticos preparados nos hospitais da época e examinados superficialmente pelos delegados ou suplentes do físico-mor. Alguns vinham tentar fortuna, mas de tamanha ignorância eram eles, que Frei Caetano Brandão não teve relutância em dizer: «é melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com médico de Lisboa.» (6)

A Câmara do Maranhão, em 6 de Abril de 1693, embargou a retirada de Manuel Dias, para Portugal, «por ser ela um grande prejuizo, tais as curas e a muita

---

(5) Nuto Sant'Anna, *O Estado de São Paulo.*

(6) Alcântara Machado, *Vida e morte do bandeirante,* pág. 100.

assistência que Dias fazia ao povo, ameaçado de perecer totalmente com a sua ausência.» (7)

Em São Paulo, a falta de médicos era tal, que o Senado da Câmara, em 24 de Maio de 1722, ponderando que «Hera muito conveniente houvesse hum medico de profissam nesta cidade pelo prejuizo que estam experimentando todos os moradores della em falta de medico», decidiu estabelecer, para pagamento a um físico, «hua congroa certa por anno». (8)

Na cidade do Rio de Janeiro, com mais de 43.000 habitantes, a escassês de médicos era apreciável e tanto que o vice-rei Luís de Vasconcelos, em 1789, solicitou providências da Metrópole nesse sentido, pois que havia na cidade apenas quatro facultativos.

Pelo interior havia muitos e «tão remotos pontos que hoje estão povoados nestas minas, aonde não chegam médicos, nem ainda cirurgião que professe cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades.» (9) Por volta de 1745 havia um cirurgião português que tinha um domínio clínico que se estendia por um raio de acção de mais de 300 léguas e que em determinadas épocas do ano visitava os distritos de Mato-Grosso, Maranhão e Pará. (10)

Segundo Martius, no ano de 1799 clinicavam em todo o território brasileiro apenas 12 médicos formados (11).

Só em 1 de Junho de 1742 Portugal deu certa atenção à medicina no Brasil, «exigindo que os médicos que ali clinicassem fôssem diplomados pela Universidade de Coimbra. (12) Mas como cumprir semelhante exigência? A Câmara Municipal de São Carlos do Pinhal, foi obrigada a conceder, em 1871, uma licença a dois

---

(7) R. C. Bacelar, *Origens da medicina em Portugal e no Brasil*, pág. 213.
(8) A. Toledo, *Rev. Inst. Hist. Geog. S. Paulo*, tomo XX, pág. 369.
(9) In *Notas Científicas Roche*, pág. 212.
(10) Idem.
(11) Martius, *Natureza, doenças, medicina e remédios...*, pág. 223.
(12) In *Notas Científicas Roche*, pág. 236.

indivíduos não diplomados, que se propunham a exercer a medicina, por não haver na terra quem pudesse fazê-lo com proficiência... (13) E tal medida foi tomada mais de cem anos depois daquela deliberação!...

A transferência de D. João VI para o Brasil representa o marco inicial da medicina brasileira. Como primeiro cirurgião do Monarca vinha o médico pernambucano José Correia Picanço, que solicitou de el-rei a devida autorização para a criação de uma Escola de Cirurgia, no Hospital Militar da Baía, o que foi determinado por decreto de 18 de Fevereiro de 1808. Alguns meses depois era fundada no Rio de Janeiro, igualmente, uma Escola de Cirurgia, mais tarde (1813) transformada em Academia Médico-Cirúrgica. Apesar dessas duas Escolas, a grande falta de médicos e cirurgiões habilitados legalmente continuava. Em 1819 foram baixadas instruções para o exame de cirurgiões que tivessem de exercer a profissão onde não houvesse médicos ou onde estes não pudessem, por serem poucos, atender aos doentes, chegando-se, mesmo, a permitir que em localidades em que não houvesse médico nem boticário, pudessem clinicar pessoas com alguns estudos médicos, mediante um leve exame. Em 1826 a Academia Médico-Cirúrgica foi elevada à categoria de Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, com a regalia de formar cirurgiões e médicos. A 3 de Outubro de 1832 foi promulgada a lei que transformava as antigas Academias em Faculdades de Medicina, instaurando-se, então, o período áureo da medicina no Brasil e a sua progressiva emancipação da medicina portuguesa. Vultos eminentes surgiriam então, para criarem uma verdadeira «Escola Médica Brasileira», na qual formar-se-iam as gerações vindouras, sem necessidade de recorrerem aos centros europeus, em especial à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, para a conquista do diploma

(13) A. Machado, *Vida e morte do bandeirante*, pág. 99.

que lhes assegurava o livre exercício de tratar os doentes.

Mas do Brasil não foram para a Lusa-Atenas sòmente os rapazes que desejavam ser médicos. A Faculdade de Teologia, a de Cânones, a de Filosofia, a de Matemática e a de Leis contavam em seu seio muitos alunos oriundos da colónia portuguesa descoberta por Cabral. A instrução era incipiente e muito rudimentar em nossa terra e todos aqueles que haviam sido bafejados pela Fortuna iam postar-se aos pés de Minerva, deusa que vivia junto aos «saudosos campos do Mondego».

Durante os dois primeiros séculos do Brasil-Colónia, a contar do estabelecimento do Governo Geral, nunca se dissimulou, por parte da Metrópole, o cuidado com que se tolhia o desenvolvimento do espírito das populações. Chegava-se, mesmo, nos últimos tempos, a impedir a entrada de livros no território brasileiro, pelo menos de obras que pudessem «perverter o sentimento de obediência e fidelidade, sem o qual não subsistiriam instituições que andavam já suspeitas da própria fortuna.» (14).

Até meados do século XVIII tanto os governos como os próprios pais não se preocupavam em dar instrução aos filhos, não só porque a vida a que de ordinário o homem se destinava não exigia grandes conhecimentos, como além disso, mesmo que alguns progenitores quisessem, não dispunham de meios pecuniários para instruí-los. «Dahi a espantosa ignorancia em que ficavam aquelas primeiras gerações, entregues durante mais de dois séculos á influencia das duas raças inferiores que entraram mais largamente na formação histórica que se fazia.» (15) Armitage, referindo-se à época que precedeu imediatamente a independência do Brasil, diz que «os conhecimentos dos próprios ecclesiasticos eram geralmente limitados a um mau latim; e o individuo feliz que

---

(14) In Rocha Pombo, *História do Brasil,* vol. V, pág. 724.

(15) Rocha Pombo, *História do Brasil,* vol. V, pág. 725.

reunia o conhecimento deste e do francez, era olhado como um genio tão transcendente que de grandes distâncias vinham pessoas consultal-o.» (16) Quem soubesse ler e escrever, nos primeiros tempos, tinha todas as probabilidades de fazer fortuna; se não quisesse exercer qualquer função pública, advogava, geria interesses alheios por procuração, ou fazia-se médico ou cirurgião, ou «mestre de partido». A Advocacia, profissão muito rendosa, podia ser exercida desde que os juizes dessem autorização; só mais tarde, quando os bachareis do Reino começaram a vir para o Brasil-Colónia é que se proibiu, ou pelo menos se restringiu muito aos rábulas o exercício da advocacia.

Os padres aqui domiciliados muito trabalharam em prol da instrução, em especial das classes menos favorecidas. Para atrairem os ricos e mesmo para completarem a função de magistério, não ficavam nas primeiras letras; dados os rudimentos de leitura e de escrita, ensinavam latim, filosofia, retórica e matemática. Nos grandes colégios instituiram cursos integrais, chegando a conceder graus em ciências e artes.

É na segunda metade do século XVIII que Portugal começou a encarar a sério a instrução pública, com a subida do Marquês de Pombal à direcção suprema da política lusitana. Pelo decreto de 10 de Novembro de 1772, ficou instituído por Pombal, sob o nome de «subsídio literário», uma especial receita para fazer face às despesas com o ensino. Os vice-reis, cumprindo determinações da Metrópole, deram a devida atenção aos problemas da instrução, embora fôssem minguados os recursos financeiros de que podiam dispor. Nas capitais de certa importância fundaram-se escolas de primeiras letras, aulas de gramática, de latim, de grego, de filosofia, etc.. Foi depois criada uma cadeira especial de retórica e poética e entregue a Silva Alvarenga, o qual

(16) In Rocha Pombo, *História do Brasil*, vol. V, pág. 725.

desempenhou-se muito bem de suas funções, pois não só «acoroçoou os engenhos tímidos, mas preparou uma geração de prégadores que deviam honrar o púlpito brasileiro.» (17)

Não havia, entretanto, academia alguma onde os jóvens de talento se pudessem preparar, e os pais de família, não sabendo qual o destino a dar aos filhos que demonstravam inclinação e gosto pelo estudo, viam-se obrigados a recorrer à Igreja, entregando-os ao silêncio dos conventos, quando não lhes sobravam recursos para enviá-los para Coimbra.

No decurso do último quartel do século XVIII instalaram-se em todas as capitanias grande número de aulas de latim, gramática portuguesa, retórica, geometria e matemáticas elementares; mesmo em algumas vilas de somenos importância foram criadas cadeiras de ensino secundário. Lutava-se, porém, com falta de pessoal docente de comprovada idoneidade, pelo que o ensino continuava nas mãos da classe clerical.

Embora reduzidas e sem continuidade, o Governo da Metrópole ia tomando algumas providências visando o desenvolvimento do ensino: (18)

a) — mandava que se estimulasse o gosto pelo estudo do grego, do latim e do desenho;
b) — que se aumentasse, tanto quanto possível, o número de aulas régias, provendo-as do necessário;
c) — que se fizesse a inspecção de todo o serviço com muito zelo, mesmo em aulas muito distantes umas das outras;
d) — sugeria às Câmaras que destinassem rapazes inteligentes a irem estudar a Lisboa, onde se habilitariam a exercer o ofício de topógrafo,

---

(17) In Rocha Pombo, *História do Brasil*, vol. V, pág. 731.
(18) Rocha Pombo, *História do Brasil*, vol. V, pág. 734.

hidráulico, contador, médico e cirurgião, para o que poderiam lançar «fintas» necessárias a esses encargos;

e) — em 1880 ordenava ao Governador do Maranhão que indicasse, entre os que ali estudavam, quatro alunos para receberem instrução em Portugal, dois dos quais fariam na Universidade de Coimbra um curso completo de matemáticas, para serem empregados em trabalhos hidráulicos, medição de terras e cálculo (engenheiro); o terceiro cursaria a escola de medicina e o quarto a de cirurgia. Se além desses quatro rapazes houvesse outros que pela sua capacidade merecessem, o prémio de ir estudar na Europa, as Câmaras do Maranhão poderiam lançar mão de «fintas»;

f) — intercedia junto aos chefes de família ricos para que continuassem a dar pensões aos filhos que desejassem continuar os estudos no estrangeiro;

g) — permitia a militares de fileira que se desligassem dos seus quadros e fôssem estudar a Lisboa, continuando a receber os seus soldos.

O Governo de Portugal dava, assim, alguma atenção ao ensino, se bem que não a necessária, sendo que os profissionais (engenheiros, médicos, advogados, professores e até guarda-livros e funcionários de menor categoria), vinham sempre de lá. Só os padres se ordenavam aqui, primeiramente na Baía e depois em todos os seminários episcopais. Alguns Governadores de Província também tomavam as suas deliberações: em 1844, o general Francisco José de Sousa Soares Andréa, presidente da Provincia de Minas Gerais, assim se expressava: «A província precisa ter um colégio seu, onde se preparem mestres e se habilite a mocidade mineira para ir ás academias ou universidades receber conhecimentos

superiores, com que deve entrar nos altos cargos do Estado. Neste colégio dever haver um certo numero de pensionistas mantidos à custa da provincia, socorrendo alguns moços talentosos a quem faltam meios. E ainda: estabelecer em regra mandar-se à custa da fazenda publica para qualquer academia nacional ou estrangeira, em cada ano, um ao menos destes discípulos de maior aproveitamento que tenha concluido todos os estudos de instrução intermédia, garantindo-lhes a subsistência por tantos anos e mais uns quantos precisos para completar os estudos correspondentes ao destino que quiserem seguir.» (19)

Nas localidades onde não havia os verdadeiros profissionais, vindos, como disse, de Portugal, eram os «entendidos», os «práticos» e os «curiosos» que desempenhavam funções inerentes. Mesmo o exercício da medicina era legalmente permitido a alguns curiosos; os raríssimos médicos que aqui apareciam por essa época travavam lutas desesperadas com os curandeiros em defesa das suas credenciais académicas e sem atender às necessidades prementes das populações. E isso só se verificava nos grandes centros, pois nos lugares mais afastados não havia meios de coibir a acção do curandeirismo. Antes do Regimento de 19 de maio de 1744, de nada valeram as medidas tomadas dispersamente em relação ao exercício da medicina; e mesmo depois desse Regimento não foi possível evitar que os curiosos continuassem a curar, porque não havia médicos suficientes. E esses curandeiros chegavam a exigir, judicialmente, os respectivos honorários!... O mesmo acontecia com as outras profissões liberais.

As condições da instrução pública no Brasil, nos primórdios do século XIX, diz-nos Oliveira Lima, «eram reconhecidamente deficientes: pode mesmo dizer-se que

---

(19) Primitivo Moacyr, *A instrução e as províncias*, 3.º vol., pág. 80.

eram no geral quase nulas, tendo recebido um duro golpe com a expulsão dos Jesuítas.» (20)

O ensino era, pois, deficiente, os verdadeiros profissionais a bem dizer não existiam, mas o Brasil tinha necessidade de desenvolver-se em todos os ramos da actividade humana; para isso, precisava de homens de uma certa cultura, que o orientassem no campo da «Ordem e do Progresso». Coimbra poderia dar-lhe esses homens e o Brasil hesitava em mandá-los para lá. Sempre que uma nau zarpava com destino a Lisboa, a seu bordo seguiam rapazolas do Brasil, em regra filhos de «papais ricos». Foi assim no século XVI, foi assim no século XVII, assim continuou na centúria imediata, onde atingiu o seu apogeu, assim continuou a ser no século seguinte, embora em menor número, como é natural, para grandeza e honra da nossa Pátria.

O século XVIII, a que Pedro Calmon chama «o período de organização do Brasil», em que o solo brasileiro, «ficou integrado na soberania portuguesa por uma firme política de legitimação dos acrescidos, de fixação do contorno territorial, de sua preservação valorosa» (21) foi, como deixamos dito, uma centúria durante a qual o ensino pouco progresso teve, o mesmo podendo dizer-se da situação médica. Os seus filhos viram-se obrigados a procurar em Portugal o que lhes era vedado adquirir no seu berço natal; a cultura e a instrução. Durante esse século a Universidade de Coimbra foi frequentada por 1753 rapazes nascidos no Brasil. Entre eles estavam: Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, João Pereira Ramos (professor da Faculdade de Cânones), Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (Reitor e Reformador-reitor da Universidade), Cláudio Manuel da Costa, Joaquim José Vieira Godinho (doutor em Cânones e mestre de Direito Pátrio), Frei José de Santa

(20) Oliveira Lima, *Dom João VI no Brasil*, pág. 249.
(21) Pedro Calmon, *História do Brasil*, 3.º vol., pág. 13.

Rita Durão (lente-substituto de Teologia), Inácio José Alvarenga («Eureste Fenício» da Arcádia), Joaquim Inácio de Seixas Brandão, Padre Francisco Luís dos Santos (professor de Filosofia Racional e Moral), Manuel Inácio da Silva Alvarenga, Padre Joaquim Veloso de Miranda (doutor em Filosofia e professor de Ciências Naturais), Francisco José de Lacerda e Almeida (doutor em Matemática), Joaquim dos Reis (doutor em Cânones e lente da sua Faculdade), Alexandre Rodrigues Ferreira (doutor em Filosofia), José Vieira Couto (formado em Filosofia e mestre da Universidade), António de Morais Silva (bacharel e formado em Direito, ao contrário do que se afirma), José Bonifácio de Andrada e Silva (catedrático de Metalurgia), Teodoro Ferreira de Aguiar (bacharel em Filosofia por Coimbra e médico por Leida, um dos criadores das Régias Escolas de Cirurgia de Lisboa e do Porto), Manuel Jacinto Nogueira da Gama (formado em Filosofia e Matemática; marquês de Baependi), Francisco Vilela Barbosa (formado em Matemática e professor do «Colégio dos Nobres»: marquês de Paranaguá), António Carlos Ribeiro de Andrada, José Feliciano Fernandes Pinheiro (formado em Cânones; visconde de São Leopoldo), Martim Francisco Ribeiro de Andrada (bacharel em Matemática e em Filosofia), etc. etc..

Dos 1753 brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra durante o século XVIII, 79 completaram o curso de Medicina, dos quais destacarei: José Francisco Leal (lente de Matéria Médica), Manuel Luís Alves de Carvalho (director dos estudos médicos e cirúrgicos da Côrte e Estado do Brasil e lente-substituto de Cirurgia da Academia do Rio de Janeiro), Francisco de Melo Franco (o primeiro puericultor do Brasil), Vicente Coelho da Silva Seabra e Teles (professor da Universidade das cadeiras de Botânica, Zoologia, Mineralogia e Agricultura), Mariano José do Amaral (médico da Câmara Imperial e mestre do Colégio Médico-Cirúrgico), António Joaquim Nogueira da Gama («demonstrador» de Ana-

tomia da Faculdade de Medicina), Ângelo Ferreira Dinís (lente de «prima» da Universidade de Coimbra) e António Ferreira França (formado em Medicina e que recusou a regência de uma cadeira na Universidade de Coimbra).

O Brasil deu, pois, no século XVIII, três alunos que muito se distinguiram e que atingiram os mais elevados postos: José Francisco Leal, António Joaquim Nogueira da Gama e Ângelo Ferreira Dinís (este já na centúria imediata). A Faculdade de Medicina, admitiu, também, em seu seio docente, sem prestação de provas, José Correia Picanço, pelo que a representação brasileira na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra foi de três professores durante o século XVIII: José Francisco Leal, José Correia Picanço e António Joaquim Nogueira da Gama.

JOSÉ FRANCISCO LEAL

José Francisco Leal nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 2 de Dezembro de 1774. Filho de Francisco Correia Leal, abalizado médico formado pela Universidade de Coimbra e muito conceituado no Rio de Janeiro, e de D. Antónia Teresa de Sant'Ana, começou precocemente os seus estudos, devido à influência do ambiente familiar, onde o pai pontificava como um verdadeiro mestre. Aos nove anos já José Francisco estava em condições de ensinar latim a seus companheiros. Aos onze anos iniciou um curso de Filosofia no Colégio dos Jesuítas, com a duração de três anos, aprendendo Lógica, Física e Metafísica, mas sem o aproveitamento que seu pai esperava. Não vendo, pois, em seu filho, as qualidades necessárias para ir diplomar-se a Coimbra, desistiu dessa ideia, deliberando interná-lo num seminário religioso. José Francisco, entretanto, não desejava ordenar-se e eis que surge uma oportunidade para seguir para Portugal: um amigo de seu pai ia para o Reino e

o jóvem José Francisco, então com dezanove anos, acompanhou-o, com destino a Coimbra. Uma vez na Lusa-Atenas, resolveu abraçar a carreira do seu progenitor; antes, porém, começou a estudar francês, italiano, grego e inglês. Em 1 de Outubro de 1765 matriculou-se na Faculdade de Medicina e bem cedo verificou que a sua preparação nas cadeiras fundamentais era deficiente, sentindo necessidade de dedicar algumas horas de estudo à matemática, à química e a outras disciplinas básicas. Em igual data do ano seguinte e de 1767 consta a continuação da sua inscrição na Faculdade de Medicina. Desgostoso, todavia, com o ensino ministrado nas aulas, que considerava deficiente, pois a própria Anatomia era estudada em carneiros, teve a ombridade de solicitar da sua Faculdade o cumprimento dos Estatutos, que concediam a cada estudante um a dois cadáveres por ano. A sua justa reclamação foi interpretada como um acto de indisciplina, provocando ameaças e advertências por parte do corpo docente. Não se conformando com a hostilidade criada, resolveu transferir-se para Lisboa, onde esteve cerca de dois anos, fazendo as matrículas que, no dizer dum contemporâneo, «era o que bastava para qualquer ser Doutor naqueles tempos». Volta, então, a Coimbra, formando-se em Medicina por cerca de 1769. Terminado o curso, seus pais chamam-no para o Brasil, onde um futuro promissor o esperava, não só por trazer um diploma da Universidade de Coimbra, mas principalmente por acolher-se à sombra paterna, que então disfrutava de elevado conceito.

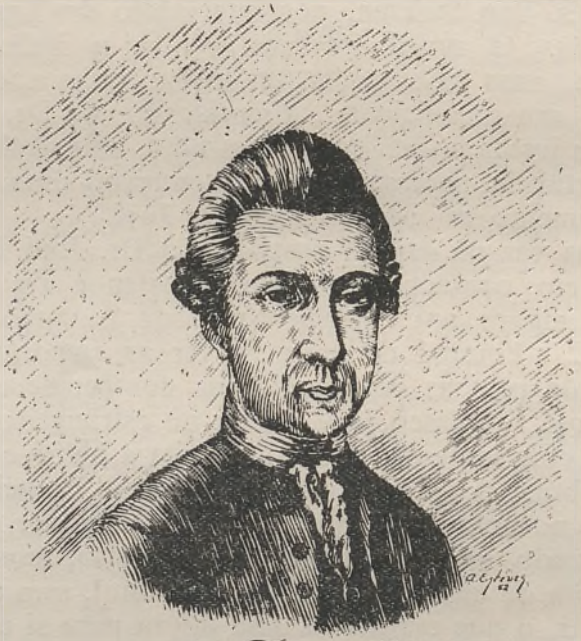
O doutorando José Francisco, com o «canudo» de formatura debaixo do braço e com o dinheiro indispensável à passagem de regresso, fez um exame de consciência: «Como exercer Medicina, se nada sei de Medicina, dela nada aprendi? Como, desta maneira desprovido, aparecerei a meu Pai que é um sábio de experiência feito? Como tomar nos meus ombros a tremenda responsabilidade de vidas humanas?» Resolve,

então, deslocar-se a Mompilher, para frequentar a tradicional escola médica durante dois anos. Antes, porém, sujeitou o seu plano à apreciação do médico inglês Dr. Gualter Wade, muito conceituado em Portugal, o qual aconselhou-o a que procurasse o Marquês de Pombal, que estava a braços com o estudo da reforma da Universidade. Pombal desaprova a ideia de Mompilher, instigando-o a ir para Viena de Áustria, onde recomendá-lo-ia a Van Swieten, por intermédio do Embaixador português. O novel médico aceitou a indicação do Marquês, mas não podia realizá-la, pois a «mesada» paterna era insuficiente. Cientificado o Dr. Correia Leal dos justos propósitos de seu filho, não só lhe enviou a importância necessária, como escreveu uma carta de agradecimento ao Ministro de D. José.

Uma vez na capital austríaca, o Dr. José Francisco entrou em contacto com Van Swieten e De Haen, e durante alguns anos frequentou todo o curso médico.

1772. Pombal desejava prover as cátedras universitárias de pessoas de reconhecida competência e escreveu a José Francisco Leal, ainda no estrangeiro. Sensibilizado com tamanha honraria, aceita a oferta e dirige-se a Coimbra. A 3 de Outubro foi José Francisco Leal incluído no novo quadro docente da Faculdade de Medicina, criado pela «Reforma Pombalina», como lente da cadeira de «Matéria Médica» (1.º ano), sem prestação de provas, o que constituia uma honra para si e também para a sua Pátria. No dia 9 desse mês recebeu o grau de doutor, de acordo com a Portaria de 7 de Outubro. Pela Provisão de 22 de Outubro, que estabelecia os ordenados de todos os funcionários da Universidade, cabia ao Prof. José Francisco Leal a importância de 350$000 anuais. Em 29 de Maio de 1776 foi promovido, por Provisão, à cátedra de «Instituições Médicas» (3.º ano), que compreendia fisiologia, princípios de patologia geral e semiótica, higiene e terapêutica, mas com a obrigação de continuar a reger «Matéria Médica», enquanto não

fosse tomada outra providência. José Francisco Leal preleccionou nessas duas cadeiras durante mais de seis anos consecutivos e por Despacho de 4 de Junho de 1783 abandonou a de «Matéria Médica», continuando, entretanto, a receber o ordenado respectivo, por especial consideração aos serviços prestados. Conservou-se como mestre de «Instituições» até 1786, ano em que faleceu.

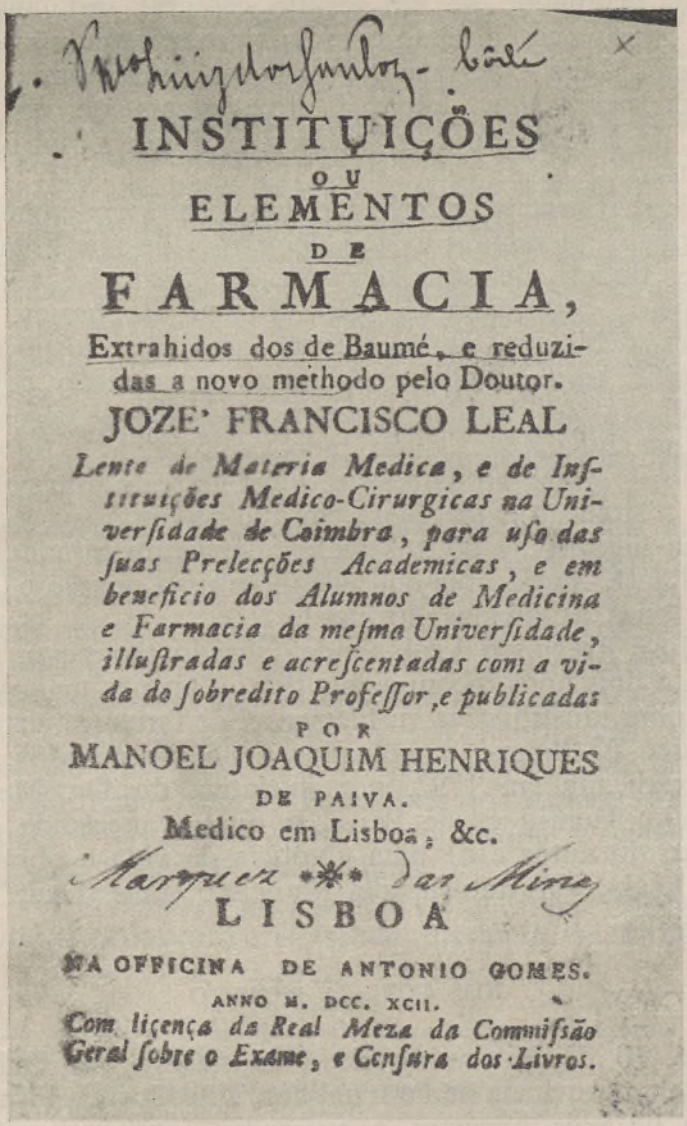


José Francisco Leal

LENTE DE FISIOLOGIA E MATÉRIA MÉDICA NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NASCEU NO RIO DE JANEIRO EM FEVEREIRO DE 1744
FALECEU EM COIMBRA A 13 DE JANEIRO DE 1786

José Francisco Leal, na regência da sua cadeira, não pôde dar, inicialmente, o devido desenvolvimento aos exercícios práticos, apesar dos seus desejos e esforços, porque não havia sido fundado o «Dispensatório Farmacêutico», decretado nos Estatutos Pombalinos; os trabalhos práticos não podiam ir, pois além da apresentação das substâncias medicinais feita pelo Mestre durante

as prelecções. E assim continuaram até 1779, quando se estabeleceu o Dispensatório.



INSTITUIÇÕES
OU
ELEMENTOS
DE
FARMACIA,

Extrahidos dos de Baumé, e reduzidas a novo methodo pelo Doutor.

JOZE' FRANCISCO LEAL

Lente de Materia Medica, e de Inſtituições Medico-Cirurgicas na Univerſidade de Coimbra, para uſo das ſuas Prelecções Academicas, e em beneficio dos Alumnos de Medicina e Farmacia da meſma Univerſidade, illuſtradas e acreſcentadas com a vida do ſobredito Profeſſor, e publicadas

POR

MANOEL JOAQUIM HENRIQUES
DE PAIVA.
Medico em Lisboa, &c.

LISBOA

NA OFFICINA DE ANTONIO GOMES.

ANNO M. DCC. XCII.

Com licença da Real Meza da Commiſsão Geral ſobre o Exame, e Cenſura dos Livros.

Não gozando de boa saúde, pois era portador duma afecção hepática, segundo seu próprio diagnóstico, viu os seus padecimentos agravados em Agosto de 1785, ao ser acometido de um insulto cerebral, instalando-se uma hemiplegia direita, com comprometimento da linguagem. Sem experimentar melhoras, apesar duma temporada nas Caldas, piorava progressivamente, até que a 13 de Janeiro de 1786 exalava o último suspiro, em Coimbra.

José Francisco Leal era um professor completo: pedagogo, no sentido exacto do termo, de voz branda e suave, dotado de notável poder de convicção, os seus discípulos conheciam-no pelo «Língua de prata». De feições delicadas, extremamente asseiado, gostava de se vestir bem. Tinha uma certa preocupação com o arranjo da sua residência, assim como das suas instalações na Faculdade, onde tudo era ordem e limpeza. Generoso e amigo dos pobres, dava mais do que possuia e daí a situação embaraçosa em que deixou a sua Esposa e uma filhinha de poucos meses, depois amparadas pela Rainha D. Maria, que concedeu-lhes uma pensão e liquidou todas as dívidas do casal.

José Francisco Leal, tendo falecido tão novo, quarenta e dois anos incompletos, deixou apenas manuscrita uma obra «Instituições ou Elementos de farmácia, extrahidos dos de Baumé e reduzidos a novo methodo», que foi publicada em 1792, por iniciativa do Dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, a qual é precedida dum retrato do autor e de uma «Notícia da vida e obras do Dr. Leal», da autoria de Francisco Luís Leal, hoje raríssima.

JOSÉ CORREIA PICANÇO

A 10 de Novembro de 1745 nasceu em Goiana, cidade da província de Pernambuco, José Correia Picanço. Filho de pais honestos e estimados (pai português e

mãe brasileira) e possuidores de alguns recursos financeiros, estudou em Recife os primeiros rudimentos de «Humanidades» e dedicando-se ao estudo da cirurgia, foi nomeado pelo Governador Conde de Vila-Flor, em 3 de Dezembro de 1766, cirurgião-mor do corpo avulso dos oficiais das ordenanças e reformados, «por concorrer nelle todos os requisitos necessarios, por seu honrado e distinto procedimento, e um dos de melhor nota desta praça». (22) Segundo António Joaquim de Melo (23), Correia Picanço foi enviado por seus Pais a Coimbra, para estudar e dali transferiu-se para Paris. Essa sua permanência na Lusa-Atenas é duvidosa, pois a maioria dos seus biógrafos é de parecer que Correia Picanço frequentou o curso de cirurgia do Hospital de São José, de Lisboa, onde foi discípulo do grande professor e cirurgião lisbonense Manuel Constâncio, obtendo carta em 1765 e desejando ampliar os seus conhecimentos foi para a França aperfeiçoar-se, no ano de 1767. (24)

Analisando as datas enunciadas, vê-se que na biografia de Picanço persistem dúvidas: se Picanço obteve carta de cirurgia no Hospital de São José em 1765, como poderia ter sido nomeado cirurgião-mor do corpo avulso dos oficiais, em Dezembro de 1766, se depois de terminados os estudos em Lisboa seguiu ele para a França (1767)? Acaso teria vindo à sua Pátria logo após a conclusão do curso, ou a nomeação do Conde de Vila-Flor foi uma menção honorífica ao distinto aluno de Manuel Constâncio? Eis um problema a carecer de pesquisas e devido esclarecimento.

Tendo seguido para a França em 1767, permaneceu algum tempo em Paris, sendo discípulo de Sabatier e

---

(22) Pereira da Costa, *Diccionario biographico de pernambucanos célebres*, pág. 541.

(23) António Joaquim de Melo, *Biografias*, pág. 18.

(24) Max. Lemos, *História da Medicina em Portugal*, vol. II, pág. 284; Leitão, *Cirurgia*, vol. I, pág. 360; Balbi, *Essai statistique*, apend., pág. LXXI.

de Morand, aí consorciando-se com D. Catarina Borchot, filha deste último cientista.

Em 1772 estava Picanço em Portugal e gosava de tal prestígio que o Marquês de Pombal o nomeou «Demonstrador» de Anatomia da Faculdade de Medicina, por Portaria de 3 de Outubro. O quadro da Faculdade, nessa ocasião, era constituído por quatro lentes, (um de nacionalidade brasileira, José Francisco Leal), dois substitutos e José Correia Picanço (também nascido no Brasil).

O lente-proprietário da cadeira de Anatomia era o italiano Luís Cichi, que demonstrava grande desleixo no cumprimento dos seus deveres docentes, pelo que foi suspenso pelo Aviso de 10 de Dezembro de 1776. Correia Picanço assumiu então a regência da cadeira, conforme determinavam os Estatutos, permanecendo na situação de «substituto» até 18 de Janeiro de 1779, quando foi aceite o pedido de demissão de Cichi e nomeado Picanço (Despacho do Visconde de Vila Nova de Cerveira). (25) Durante o impedimento do professor-catedrático, Correia Picanço teve oportunidade de demonstrar os seus vastos conhecimentos científicos, grangeando a maior reputação no seio universitário. Houve-se com tanta perícia no ensino, conseguiu dar tão sólida instrução aos seus discípulos, que desses bons serviços lhe veio a principal recomendação para obter na Faculdade o lugar que merecia, o de lente de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Arte Obstetríca. Aparecia, assim, Correia Picanço ao lado de José Francisco Leal, dois brasileiros, no reduzido quadro dos professores da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Conservou-se Correia Picanço por muitos anos na cadeira de Anatomia, a contento de todos, só a abandonando por ocasião da sua jubilação, decretada pela carta-régia de 28 de Junho de 1790. Espírito discipli-

(25) M. Lopes de Almeida, *Documentos da Reforma Pombalina*, vol. I, (1771-82).

nado e observador, Picanço não desmentiu as tradições do seu Mestre Manuel Constâncio, porque foi um professor cumpridor e de reputação elevada.

Pelo aviso-régio de 26 de Setembro de 1786 foi ordenado aos professores universitários que escrevessem, com a possível brevidade, os livros de texto para as lições

na aula, de acordo com dispositivo na Reforma Pombalina. Em 2 de Dezembro desse ano a Faculdade de Medicina tomou as necessárias providências, cabendo a José Correia Picanço, a elaboração do compêndio de «Anatomia e Arte Obstetrica». Não se sabe se Picanço deu início à sua obra; encanecido no serviço da Universidade, que tanto prezou e dignificou, estaria, certamente, mais disposto a descansar das fadigas de longos anos de persistente trabalho, do que a escrever um compêndio na última quadra da vida.

Depois de jubilado, Correia Picanço exerceu o cargo de cirurgião-mor e de 1.º cirurgião da Real Câmara. Em 1807 acompanhou a Família-Real ao Brasil e aqui prestou o relevante serviço de lembrar a el-rei D. João VI a conveniência da criação duma escola de cirurgia na Baía, o que tornou-se realidade pelo decreto de 18 de Fevereiro de 1808, data gratíssima a todos nós, pois não só representa o marco inicial do ensino médico no Brasil, como também de todo o sistema educativo superior.

Correia Picanço faleceu em data incerta, pois divergem os historiadores e biógrafos: Sacramento Blake (26) indica 10 de Outubro de 1823; Joaquim de Melo, diz: «o dia 20 de Outubro foi o último em que existia entre os vivos o ilustre José Correia Picanço» (27); Renato Bacelar afirma que foi a 30 de Outubro de 1823, «aos 78 anos de idade, cercado de respeito e admiração pelos seus coevos» (28); Silva Carvalho apenas nos informa o ano: 1824 (29); Serra Mirabeau escreve: «Falleceu pelos fins de 1824, segundo pude averiguar das folhas dos ordenados» (30), e Inocêncio (31) afirma que a sua morte se deve ter dado em 1825 a 1826. Recebeu o título de Barão de Goiana (26/III/1821) e as honras de «Grandeza» (22/I/1823), concedidas por D. Pedro I.

ANTÓNIO JOAQUIM NOGUEIRA DA GAMA

Nos primórdios da segunda metade do século XVIII, vivia em São João del-Rei o alferes Nicolau António Nogueira, natural de Baependi, filho de Tomé Rodrigues

---

(26) *Diccionario bibliographico brazileiro,* IV vol., pág. 392.
(27) *Bibliografias...,* pág. 18.
(28) *Notas Cientificas Roche,* pág. 256.
(29) *História da Medicina Portuguesa,* pág. 38.
(30) *Memória histórica...,* pág. 263.
(31) *Diccionario Bibliographico,* Tomo 4.º (2.ª ed.), pág. 297.

do Ó, nascido na Ilha da Madeira e que se estabeleceu em Guaratinguetá, transferindo-se depois para Baependi, onde foi capitão-mor e pessoa de grande respeito e autoridade, e Maria Leme do Prado. São João del-Rei era, nessa época, a mais linda, próspera e alegre cidade de Minas Gerais, com seus 6.000 habitantes e suas feições características de vila portuguesa: igrejas bem caiadas, espaçosa casa de governo, cadeia em lugar central e esplêndida misericórdia sustentada pela caridade particular. Cidade de lojistas e funcionários, comercial e burocrática, possuia um movimento pacato. A vida era barata e as fortunas acumulavam-se. As distracções limitavam-se a partidas de jogo e a danças, aliás deveras agradáveis, porque a escassês dos recursos da instrução não se reflectia de modo algum em incivilidade de maneiras. Nessa cidade, que era o mais importante entreposto comercial da província, consorciou-se o alferes Nicolau António Nogueira com Ana Josefa da Gama (segundo Silva Leme) (32) ou com Ana Joaquina de Almeida e Gama (no dizer de Sacramento Blake) (33), filha do capitão Manuel Gomes Vilas-Boas, natural de Portugal, e de Inácia Quitéria da Gama, oriunda de Ouro Preto. Desse casamento nasceram oito filhos, chamando-se o mais velho António Joaquim Nogueira da Gama e o 3.º Manuel Jacinto Nogueira da Gama.

Nicolau Nogueira, dotado de apreciáveis qualidades morais, músico exímio e muito instruído nas artes liberais, desempenhou cargos elevados na Câmara de São João del-Rei, sendo muito admirado o respeitado. De seus oito filhos, enviou dois para Coimbra, António Joaquim e Manuel Jacinto, afim de cursarem a Universidade. Vítima da sua boa-fé, Nicolau Nogueira viu-se arruinado, faltando com as «mesadas» aos dois estudantes coimbrões, os quais não interromperam os estudos por-

(32) *Genealogia paulistana*, vol. 6.º, pág. 362.

(33) *Diccionário bilbiographico...*, vol. I, pág. 203.

que Manuel Jacinto ganhava o suficiente copiando música e dando lições a outros alunos.

António Joaquim Nogueira da Gama matriculou-se na Universidade de Coimbra em 13 de Julho de 1787, na Faculdade de Matemática, adquirindo o título de bacharel em 7/7/1789 e o de formatura em 3/11/1790. A 6 de Outubro de 1789 ingressou na Faculdade de Medicina, recebendo a «graduação» em 10 de Outubro de 1794. Em 11 de Novembro desse ano foi aprovada pela Congregação a sua tese «Utrum praeparationes metallicae, praecipue plumbeae, ac staneae, tuto, et sine vitae sanitatisque detrimento, intus exhiberi (sic) possint?». Em 31 de Maio de 1795 recebeu o grau de doutor em medicina, passando a prestar serviço na Faculdade, como secretário. Na promoção de 13 de Março de 1797, foi despachado «Demonstrador» de Anatomia, não logrando mais elevada categoria no quadro da Faculdade, porque a morte o arrebatou antes da promoção de 4 de Maio de 1800.

António Joaquim casou-se em Coimbra com Maria Angélica Nogueira da Gama, da qual teve seis filhos, que foram mandados para o Brasil, em companhia da mãe, pelo tio Manuel Jacinto, que estabeleceu-lhes uma pensão. Esses varões honraram o nome do pai: António Joaquim, que se casou em Santos em 1821, atingiu o posto de tenente-coronel e foi escrivão da Junta de Província do Espírito Santo; Francisco Joaquim desempenhou funções na Tesouraria da Fazenda de Minas Gerais; Luís Joaquim foi oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, tendo desposado uma irmã do Visconde de Uberaba; e Joaquim António atingiu o posto de capitão do exército.

Entre os rapazes do Brasil formados na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra no século XVIII, um há que merece especial referência, pois esteve prestes a ingressar no corpo docente dessa Faculdade:

FRANCISCO DE MELO FRANCO

Natural de Minas de Paracatu, freguesia da Manga (bispado de Pernambuco), onde nasceu a 17 de Setembro

Cópia a óleo de miniatura de Francisco de Melo Franco em poder de Afonso Arinos de Melo Franco. (Cortesia de Virgílio de Melo Franco). Extraída de «Nosso primeiro puericultor.»

de 1757, formou-se em medicina em Coimbra, em 10 de Julho de 1777. Tempos depois de concluído o curso, Melo Franco, pretendendo ficar na Universidade e seguir

a carreira do professorado, solicitou à Rainha o lugar de «Demonstrador» de Matéria Médica. Enviado o requerimento ao Reitor, para que este desse a devida informação sobre a pretensão e qualidade do peticionário, o parecer do Prelado não foi favorável, pois Melo Franco, durante a sua vida académica «praticou algumas travessuras que estavam presentes na lembrança de todos», pelo que foi indeferida a petição, por Aviso de 11 de Janeiro de 1787. (34) Transcreverei, a título de curiosidade, o despacho denegatório:

«Sua Magestade, em consequência da informação e parecer e V. Ex.ª sobre o requerimento de Francisco de Mello Franco, bacharel em Medicina, que pretende o logar de demonstrador de materia medica, foi servida resolver que, havendo por escusado o referido requerimento, se conserve no exercício de demonstrador o que actualmente está servindo este logar, emquanto a mesma Senhora assim o houver por bem, e não houver um doutor da Faculdade de Medicina, que possa occupal-o na forma que tem parecido á Congregação da mesma Faculdade, com que sua Magestade se digna de se conformar. Palacio etc. 11 de Janeiro de 1787. Visconde de Villa Nova de Cerveira». (35)

Detenhamo-nos, também, uns breves momentos sobre

VICENTE COELHO DA SILVA SEABRA E TELES

Filho de Manuel Coelho Rodrigues, nascido em Congonhas do Campo em 1764. Vicente Coelho, matriculou-se em Matemática, na Universidade de Coimbra, em 16 de Outubro de 1873 e nos anos subsequentes, até 1786, aparece a sua inscrição nessa mesma Faculdade. A data de 19 de Outubro de 1786 marca a sua entrada como aluno da Faculdade de Medicina, curso que ter-

(34) Serra Mirabeau, *Memórias histórica da Faculdade de Medicina*, pág. 98.
(35) Serra Mirabeau, *Memória histórica...*, pág. 98.

minou em 13 de Março de 1791. Foi um estudante distinto, tendo escrito um compêndio de Química antes de terminar a sua formatura, o que lhe valeu ser nomeado sócio correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa. Por carta-régia de 24 de Janeiro de 1791, foi dispensado de defender tese e de fazer o «exame privado» (assim denominado porque só os membros da Congregação da Faculdade poderiam estar presentes) e a 13 de Março foi mandado graduar, isto é, receber o grau de doutor, e incorporado à Universidade.

Ácerca de Vicente Coelho assim nos informa Francisco Morais: «Formou-se em medicina e foi professor da respectiva Faculdade, regendo na Universidade as cadeiras de Zoologia, Botânica, Mineralogia e Agricultura». (36) Em face de tal depoimento devemos considerar Vicente Seabra e Teles como pertencente ao grupo dos «Brasileiros, professores de medicina em Coimbra»? A rigor, não, pois nessa época a Faculdade de Medicina regia-se pelos Estatutos de 1772 e as disciplinas de Zooloiga, Botânica e Mineralogia não estavam enquadradas no curso médico pròpriamente dito, mas faziam parte dos chamados «Preparatórios das sciencias auxiliares da medicina», seriados em três ano, sendo que a «história dos três reinos da natureza» devia ser estudada na Faculdade de Filosofia, durante o 1.º ano. Não me parece descabido, entretanto, o lugar de honra concedido ao Professor Vicente Coelho, neste trabalho, pois ele regeu cadeiras ligadas directa e ìntimamente à Medicina e que pelo projecto de reforma confiado ã Junta constituída por Ângelo Ferreira Dinís, José de Castilho e Jerónimo de Figueiredo, seriam incluídas no 1.º ano do curso médico da Universidade de Coimbra.

Vicente Coelho dedicou-se, sempre, fervorosamente, ao estudo, o que alterou-lhe profundamente a saúde,

---

(36) *Estudantes da Universidade de Coimbra...*, pág. 327.

abreviando-lhe a existência, tendo-se finado apenas com 40 anos de idade, em Março de 1804, deixando várias «Memórias», «Dissertações», e «Nomenclatura» química portuguesa, latina e francesa».

* * *

Durante o século XIX, dado o surto de progresso educacional verificado no Brasil após a criação das Escolas Médico-Cirúrgicas da Baía e do Rio de Janeiro, era natural que o êxodo dos brasileiros para a Universidade de Coimbra fosse em menor escala do que no período anterior. Apesar disso, 825 brasileiros lá estiveram matriculados, entre os quais os poetas Gonçalves Dias, Gonçalves Crespo, José da Natividade Saldanha, Odorico Mendes, Moura Magalhães e Artur Pinto da Rocha; os escritores Sebastião de Magalhães Lima, Luís de Andrade e Manuel de Sousa Pinto; os professores da Universidade de Coimbra Manuel Martins Bandeira, (lente de «prima» e director da Faculdade de Filosofia), Francisco José de Arantes (doutor em Teologia, tendo regido uma cadeira na Faculdade), e Bernardino Machado (catedrático da Faculdade de Filosofia e 2.º presidente da República Portuguesa); os doutores em Leis, Cândido Rodrigues Alves de Figueiredo e Lima, Luís de Paula Furtado de Castro do Rio Mendonça, Luís José Fernandes de Oliveira, Ângelo Custódio de Araújo Bacelar, Francisco José Correia, etc.; os viscondes de Goiana, do Banho, de Maranguape, de Seabra, de Uberaba, etc.; os diplomatas Cristóvão Pedro de Morais Sarmento, Clemente Álvares de Oliveira Mendes Almeida (1.º cônsul do Brasil em Lisboa), Sérgio Teixeira de Macedo e António da Cunha Sotto Maior Gomes Ribeiro; o professor da Facldade de Farmácia do Porto, Nuno Freire Dias Salgueiro; os marqueses de Olinda, de Abrantes, etc.; o professor da Faculdade de Direito de São

Paulo, José Joaquim Fernandes da Silva Torres; o naturalista Frei Leandro do Sacramento, etc., e muitos outros que ocuparam lugar de destaque na política, no exército, na independência do Brasil, etc..

Contràriamente ao que diz Licurgo dos Santos Filho (37), não foram poucos os brasileiros que procuraram a Faculdade de Medicina de Coimbra, neste século, pois na relação apresentada por Francisco Morais constam 67 alunos, dos quais 45 terminaram o curso. Entre estes, destaca-se a figura de Carlos José Pinheiro, que tanto dignificou a Anatomia portuguesa; merecem ainda uma ligeira referência os seguintes: José Lino dos Santos Coutinho (médico, pedagogo, parlamentar e um dos próceres da Independência), Manuel José Estrela (1.º professor de cirurgia da Escola da Baía), António do Rego (médico do Maranhão, deputado, vereador, jornalista, dramaturgo e pedagogo), João da Silva Ramos (Comissário da Directoria Geral de Higiene, membro da Sociedade das Sciencias Médicas de Lisboa e da «Sociedade de Medicina de Paris»), Joaquim Salgueiro de Almeida (passou a sua existência espalhando o bem, dirigindo asilos organizando associações de beneficência, protegendo as escolas e tratando os pobres gratuitamente), António José Rodrigues Braga (médico da marinha de guerra portuguesa, possuindo a medalha de ouro de Valor Militar e as comendas de São Bento de Aviz e da Torre e Espada), Carlos Balbino Dias (cônsul do Brasil em Coimbra) e António da Gama Rodrigues, pai do Prof. Carlos Gama e que o ano passado foi a Coimbra festejar as «Bodas de Ouro» do seu curso!

Carlos José Pinheiro, além de engrandecer a Anatomia portuguesa, foi um dos mais eminentes mestres de Coimbra; ele e Ângelo Ferreira Dinís, que havia terminado o curso de doutorado em 1799, pontificaram na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra,

(37) *História da Medicina no Brasil*, 1.º tomo, pág. 177.

ao lado de Francisco Soares Franco, de Sousa Loureiro, de João Lopes de Morais, de Jerónimo Joaquim de Figueiredo, de António Joaquim de Campos e de outros altos dignatários do professorado médico português.

ANGELO FERREIRA DINIS

Em 2 de Outubro de 1768 nasceu no Rio de Janeiro, Ângelo Ferreira Dinís. Foram seus pais Sebastião Ferreira da Rosa e Tereza da Assumpção Vieira, naturais da aldeia de Santa Luzia, na Ilha do Pico (Açores).. Estudou Humanidades no Seminário Episcopal de São José, do Rio de Janeiro, e em 22 de Junho de 1790 aportou a Lisboa, com o objectivo de seguir os estudos superiores. Em Julho desse ano fez exames no Real Colégio das Artes (Coimbra), das disciplinas que habilitavam para o ingresso na Universidade e a 11 de Outubro matriculou-se na Faculdade de Matemática; no ano seguinte também esteve inscrito em Matemática, frequentando as cadeiras desse curso que eram preparatórias para o de Medicina. Em 18 de Outubro de 1793, ei-lo matriculado em Medicina, Faculdade que cursou durante os anos de 94, 95, 96 e 97, formando-se em Julho de 1798.

Era seu propósito regressar ao Brasil logo que terminasse a sua formatura, mas desejoso de ampliar a sua cultura médica e de obter uma alta posição, fez «exame privado» a 28 de Junho de 1799 e a 14 de Julho desse mesmo ano recebia o grau de doutor em Medicina.. O ponto para a dissertação inaugural, aprovado pela Congregação de 21/11/1798, foi: «Ut hominum temperamento in classes reducantur, qua methodo potius insistendum directane? an indirecta? vel utraque simul?»

Saudoso da Pátria e da Família, pensou, uma vez mais, em regressar ao Rio, com o seu diploma de doutor, mas a justa ambição do magistério e também o conselho de amigos fizeram-no fixar residência em Coimbra; além

disso, era duvidoso o seu futuro no Brasil, quando na Cidade Universitária tinha todas as portas abertas à sua consagração. Nessa época foi-lhe proporcíonado o ingresso na Universidade, confiando-se-lhe a direcção do Hospital, lugar que ocupou com inexcedível zelo e competência durante alguns anos. Em 20 de Junho de 1806 foi nomado terceiro-substituto ordinário da Faculdade de Medicina, preterindo três doutores mais antigos, situação em que permaneceu cerca de 16 anos. Na promoção de 15 de Junho de 1822 ascendeu a catedrático, ocupando a 1.ª cadeira de «Prática»; coube-lhe a nomeação de terceiro lente em 26 de Agosto de 1825 e a de lente de «Prima» (2.ª cadeira de Prática), em 21 de Julho de 1830. Chegou assim, Ferreira Dinís, por mérito próprio, à mais elevada categoria do professorado universitário. Por decreto de 15 de Julho de 1834, porém, foi demitido da Universidade por «não convir ao serviço de Sua Majestade Fidelissima e da Pátria que continuassem a ser empregados no ensino público pelos princípios políticos que professavam...» (38), isto é, pelo simples facto de ser realista, contrário, portanto, à política do Governo Constitucional. Desgostoso, retirou-se para uma propriedade que possuia em Rios-Frios, próxima a Coimbra, só voltando à cidade do Mondego em 1843, continuando a acompanhar o movimento médico mundial, aí falecendo a 20 de Abril de 1848, com 80 anos de idade, sem exercer quaisquer outras funções públicas.

Na regência das cadeiras que lhe confiaram, demonstrou sempre muita competência e extraordinário interesse pelo desenvolvimento dos seus discípulos; assíduo e infatigável observador, a semiótica merecia-lhe especial atenção. Ferreira Dinís dava grande valor à meteorologia, por considerar um precioso auxiliar para a explicação de algumas transformações patológicas e nas «histórias clínicas» dos seus doentes figuravam o estado da

(38) In *Estudantes da Universidade de Coimbra..*, pág. 348.

atmosfera, as variações termométricas e barométricas, etc.. Nos exames dos seus alunos, era juiz severo: os medíocres e pouco aplicados não poderiam esperar indulgência; para os bons alunos, em contrapartida, não só reclamava prémios escolares, como também os honrava com a sua amizade particular.

Ferreira Dinís prestou inestimáveis serviços a Portugal, no sector da Medicina, e o Governo premiou-o com tamanha injustiça!

Quando as tropas francesas ameaçaram invadir, Coimbra, o terror era de tal ordem que quase toda a cidade despovoou-se; Ferreira Dinís também pensou em fugir, mas havia um dever a cumprir: não abandonar os seus doentes, internados no Hospital. E permaneceu no seu posto. Os franceses entraram em Coimbra e devastaram a cidade; fome, mortes, corpos abandonados pelas ruas desencadearam um epidemia de tifo. E Ferreira Dinís não abandonou ninguém! Coimbra e os seus arredores ficaram-lhe a dever muito, quer pela dedicação com que se houve nessa epidemia de 1809, como pela perseverança com que se aplicou a difundir pelas povoações os benefícios da vacina.

A vacinação, quase esquecida em Coimbra, ressurgiu com Ferreira Dinís; animado pelo seu temperamento filantrópico, fez algumas viagens pelas imediações, conduzindo consigo crianças vacinadas, lâminas e outros materiais, para propagar a vacina e instruir os que desejavam dedicar-se a tão salutar e abnegada missão. Ele foi a Braga, ao Porto, a Trofa, etc., e pelo caminho vinha praticando a vacinação. Vacinações, revacinações, inoculação, tudo foi tentado por Ferreira Dinís para certificar-se do que havia na literatura médica mundial. Tais serviços deveriam merecer a eterna gratidão dos homens do Governo, mas a política cegou-os, ao ponto de praticarem uma tremenda injustiça. E aquele que semeou o bem, em defesa da Pátria mas em prejuízo da sua própria saúde, foi destituído do seu cargo público e

atirado a uma vida cheia de dificuldades financeiras, para morrer quase na miséria, amargurado e chorando a sua sorte, por ver o futuro negro que se antepunha ao seu único filho!

Ainda em 1844, ao reorganizar-se a Repartição de Saúde Pública do Reino, os amigos mais íntimos aconselharam-no a pedir um cargo para si. Além disso, a lei então em vigor recomendava que aos médicos mais distintos do país se confiassem os importantes cargos de provedores. Ferreira Dinís era, sem contestação, uma das mais fulgurantes cerebrações do cenáculo médico português. E os seus amigos insistiram, convencidos de que o Governo remediaria o acto injusto praticado em 1834. Dinís teve relutância em pedir um favor, mas vendo ameaçada a sorte de seu filho, tentou... Nova ingratidão a galardoar o seu devotamento médico: um indeferimento. Ferido no seu amor próprio, passando privações e tendo ante seus olhos a imagem negra da vida futura de seu único filho, foram bem crueis os seus últimos quatro anos de existência.

Ângelo Ferreira Dinís manejava com muita facilidade, a pena, dedicando-se, também, ao jornalismo; em 1812 fundou com o seu colega da Faculdade, Prof. José Feliciano Castilho, o «Jornal de Coimbra», para o qual escreveu muitos artigos, durante os 8 anos de duração. Ferreira Dinís deixou um masso volumoso de manuscritos, relativos aos estudos que fez para a elaboração da «Reforma Universitária», a pedido do Reitor Diogo de Castro do Rio Furtado de Mendonça, por Aviso de 11 de Dezembro de 1823.

CARLOS JOSÉ PINHEIRO

No último quartel do século XVIII, Vila-Rica, actualmente Ouro Preto, atraía os mais legítimos representantes da intelectualidade brasileira. Era um verdadeiro cen-

tro de cultura, dentro das devidas proporções. Cidade opulenta, rica, onde o ouro era extraído das profundezas das montanhas e também catado a céu aberto e onde se comprimia uma densa população: aristocratas, burgueses, religiosos, mercadores, artesões e plebeus ali exibiam as suas grandezas e ao mesmo tempo as suas misérias. Havia um comércio intenso: traficava-se tudo. «Forasteiros empoeirados, andrajosos, levados pelo mesmo desejo, pela mesma incontida ânsia de apanhar o ouro, ali chegavam a se acotovelar nas suas estreitas ruas... Vila Rica a todos recebia, a todos abrigava. Aí todos viviam: alguns regaladamente, outros penosamente — e muitos, miseràvelmente. Mas viviam todos do ouro que Vila Rica lhes dava (39).

Foi nessa capitania de Minas Grais e por essa época que nasceu um menino que tomou o nome de Carlos José Pinheiro. Filho de Luís Pinheiro Lobo, realizou os seus estudos preparatórios possìvelmente em Coimbra, pois embarcou muito jóvem para Portugal e a 25 de Outubro de 1805 fazia a sua inscrição na Faculdade de Filosofia e na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Em 12 de Novembro de 1808 estava matriculado em Medicina, curso que completou com distinção, apresentando a tese «Nunquid animalis oeconomiae legibus consentiat, et ad ejusdem phaenomena explicanda necessarie admitenda veniat illa vitae in animalem et organicam divisio, ab antiquioribus autem Philosophiae et Medicinae cultoribus alia nominatione quondam adnotata?», aprovada pela Congregação em 25 de Novembro de 1814. Em 28/7/1816 recebeu o título de doutor em Medicina. Na promoção de 15 de Junho de 1822 foi nomeado «Demonstrador» de Anatomia, não o tendo sido há mais tempo, porque a última promoção efectuou-se a 29 de Julho de 1812 e desde então, apesar de algumas vacaturas verificadas no corpo docente, não se tomou

(39) Quirino da Silva, *Diário de São Paulo*.

providência alguma no sentido de promover o acesso e de facultar o ingresso a alguns doutores que tinham merecimento de sobejo. Nessa época, o brasileiro Ângelo Ferreira Dinís era professor da 1.º cadeira de «Prática».

Logo após a sua nomeação, dedicou-se Carlos José Pinheiro, de corpo e alma, à sua especialidade, e o «Teatro Anatómico» e até mesmo os estudos práticos entraram numa fase de progresso. Discípulo do grande anatomista lusitano Francisco Soares Franco (autor da primeira anatomia em língua portuguesa) e possuindo uma ilustração técnica especial, dissecava e injectava os vasos como ninguém até então. (40) A ele se deve a fundação do «Museu de Anatomia normal, patológica e tocológica», para o qual preparou, por suas próprias mãos, até abandonar a cátedra, mais de tresentas peças, que deixou bem dispostas e classificadas e além disso catalogadas, trabalho que foi publicado em 1829, sob o título «Inventario Scientifico das Peças e Preparados do Theatro Anatomico da Universidade de Coimbra», folheto de 16 páginas e 4 de «Introdução», em que se acham mencionadas as colecções pertencentes ao gabinete:

osteologia	em	16	números
sindesmologia	»	9	»
miologia	»	7	»
órgaos dos sentidos externos	»	10	»
esplancnologia	»	18	»

(sobressaindo-se um fígado de extraordinária grandeza, oferecido em 13/2/1823, pelo Prof. Ângelo Ferreira Dinís)

neurologia	em	12	números
angiologia	»	18	»

(40) Maximino Correia, *Subsídios para a História da Anatomia...*, pág. 28.

arte obstetrica	em 17 números
anatomia patológica	» 41 »

e a relação dos instrumentos de medicina operatória.

E lembrarmo-nos de que, quando iniciou as actividades docentes, Carlos José Pinheiro encontrou no seu Departamento, para esclarecimento dos alunos, apenas dois esqueletos, alguns ossos isolados e uma ou outra preparação já deteriorada!... Na «Introdução» desse «Inventário» assim se exprime o Mestre: «Não é para o ornato e luxo dum teatro anatómico que há oito anos trabalho com auxílio dos meus honrados discípulos em preparados e injectados. É assim para lhes facilitar o estudo da Anatomia tendo sempre presentes modelos nos quais possam estudar e tirar as suas dúvidas. Sendo hoje as nosologias fundadas em lesões de tecidos, como poderiam entender os autores sem um conhecimento profundo da anatomia? Quais são as escolas que mais florescem em Medicina senão aquelas em que se estuda a estrutura do corpo humano? Bem ponderadas foram pois as determinações em execução das quais fiz este inventário científico dos trabalhos anatómicos em que diàriamente me exercito». (41)

A dedicação que teve pelo «Museu» foi devidamente apreciada e reconhecida pela faculdade, que nas Congregações de 13 de Fevereiro de 1823 e de 12 de Fevereiro do ano seguinte, rendeu os merecidos louvores ao zelo, à inteligência e à actividade do hábil «Demonstrador» de Anatomia (42). A sua reputação era tal, que na promoção de 26 de Agosto de 1826, preterindo a antiguidade de dois «substitutos-ordinários», obteve a regência da cadeira de Anatomia, como lente-proprietário.

Desassombrado em suas atitudes e exteriorizando sempre o seu pensamento e porque falava com pouco res-

---

(41) In *Subsídios para a História da Anatomia...*, pág. 30.

(42) In *Memórias histórica e comemorativa...*, pág. 162.

peito e circunspecção sobre assuntos religiosos, foi proposto em 1824, pela Junta Expurgatória, para ser demitido da Universidade, juntamente com outros funcionários. A Junta assim se expressou: «Carlos José Pinheiro, demonstrador de Medicina. Será este opositor, como distinto que é na sua Faculdade, um dos que a Universidade terá de chorar longo tempo; mas pelo seu génio partidário e violento, que por vezes o tem feito romper em excessos muito alheios da decência, gravidade e moderação, que devem caracterizar a todos os empregados da Universidade; pela sua assaz conhecida tendência para o materialismo; e pela audácia com que até na presença de dois lentes da Faculdade de Teologia, que ficaram horrorizados de o ouvirem, declamou e vociferou contra o primado de S. Pedro e seus sucessores na cadeira de Roma, chamando ao Papa um malvado, e felicitando o Brasil, que lhe não reconhecia tal primado, porque S. Pedro nunca assentara a sua cadeira em outra parte que não fosse Antióquia; e finalmente pelo escândalo notório dos seus costumes, e fama de assoalhar doutrinas ímpias, se faz indigno de servir em uma Universidade, que preza ainda mais o ser católica do que o ser, como é, corporação de sábios.» (43) Esta deliberação não teve efeito, em virtude da amnistia de 5 de Junho de 1824 e o Dr. Pinheiro continuou a servir no magistério universitário. Como se inclinasse para o «Partido Realista», obteve a promoção para quarto lente, por despacho de 31 de Julho de 1830.

Em 1833 foi mandado a Aveiro, em comissão, para estudar e identificar uma epidemia que grassava naquela cidade e prescrever a medicação necessária. Carlos José desincumbiu-se primorosamente da missão confiada, debelando a epidemia, sobre a qual escreveu um «Relatório», que foi publicado por ordem superior.

Sem embargo dos bons serviços que prestara como

(43) In *Estudantes da Universidade de Coimbra...*, pág. 392.

professor e assíduo cultor da ciência, em 15 de Julho de 1834 foi demitido do lugar que ocupava, juntamente com outros lentes «realistas», após a lutra fratricida entre D. Miguel e D. Pedro e que terminou pela Convenção de Évora-Monte. Houve, então, uma completa remodelação no quadro professoral da Faculdade de Medicina, pois os 7 vogais de que se compunha, e que haviam sido promovidos por D. Miguel, foram exonenerados da Universidade. Depois de semelhante injustiça, Carlos José Pinheiro viveu em precárias condições, finando-se a 21 de Março de 1844. O seu nome, entretanto, continuou a ser devidamente respeitado e ainda hoje se reverencia a sua indiscutível competência em assuntos anatómicos e o muito que fez para prestígio da Universidade de Coimbra.

Carlos José Pinheiro publicou vários trabalhos, entre os quais algumas «memórias», oferecidas à Academia Real das Sciências, entidade da qual era sócio:

a) — «Memória sobre uma prenhez extra-uterina de mais de vinte anos, com estampas e aguarela»; (essa peça existia no gabinete do «Teatro Anatómico» da Universidade, consistindo em: «rudimentos de um feto, metade petrificado, a outra metade composta de um tecido duro, cobrindo bastcs cabelos e um dente, completamente desenvolvidos. Esta massa toda apresenta a forma oval, pesando nove onças e meia. Nos seus maiores diâmetros e perímetro mede vinte e um centímetros no primeiro e no, segundo trinta e um centímetros e quatro milimetros; nos menores, mede seis cent. e cinco mil. no diâmetro e treze cent. e treze mil. no perímetro.» (44);

---

(44) Rodrigues de Gusmão, *Memórias biográficas dos médicos...*, pág.

b) — «Memória sobre uma hérnia gordurosa da linha branca, com deslocação de parte da grande foice do peritonêo»; (1827)

c) — «Memória sobre vários objectos de anatomia pathologica». (1828)

Publicou, ainda:

a) — «Elenchus lectionum Anatomes, artis obstetriciae, operationumque chirurgicarum»; (Coimbra, 1831)

b) — «Topographia medica do Logar da Cova no mez de agosto e parte de Setembro de 1837»;

c) — «Ensaios sobre um novo modo de ligar a arteria, no aneurisma, segundo Asthley Cooper».

Estes dois últimos trabalhos foram impressos na «Gazeta Medica do Porto», (tomo I, n.º 53, pag. 273 e tomo II, n.º 43, pag. 337), por diligência do médico, Rodrigues de Gusmão. Ácerca do segundo trabalho assim se manifestou João Ferreira da Silva Oliveira, redactor da referida revista: «É esta a segunda vez que a redacção da Gazeta Medica se gloria, e folga de poder estampar, e dar a ler a seus assignantes alguns retalhos do muito e excelente, que sobre pontos cirurgicos tem escripto um dos poucos anatomicos insignes, e operadores geitosos e peritos, que figuram no catalogo dos professores da antiga, e famosa Universidade de Coimbra. Oxalá que presentes d'estes nos viessem a miudo; estimávamo-los, e presávamo-los sobremaneira, que são elles de não pequeno valor. O Sr. Dr. Carlos José Pinheiro em cirurgia é auctoridade: à erudição especulativa, que possue, accumula uma pratica longa, variada, e sempre methodica. E estas circumstâncias, juntas a talento, e ingenho, imprimem nas opiniões de quem as possue um cunho de verosimilidade, que raro falha.»

Carlos José Pinheiro ainda foi deputado-suplente às Côrtes Portuguesas de 1821, por Vila-Rica, sua terra natal, mas não quis assumir o posto, por considerar-se brasileiro. Ainda bem que tomou tal deliberação, pois certamente a política desviá-lo-ia do verdadeiro caminho indicado pela sua índole, que era o do estudo, roubando à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra um dos seus mais dignos representantes, na qual tanto honrou o nome da sua Pátria.

* * *

O Brasil atingiu, nos primórdios do século XX, um lugar de indiscutível prestígio no campo médico, ombreando com os mais categorizados centros científicos do mundo. Nomes avultavam no firmamento brasileiro, já na centúria passada: Paula Cândido, Torres Homem, Cata Preta, Mota Maia, Nuno de Andrade, Martins Costa, Vicente de Saboia, Ferreira França, Pacífico Pereira, Cruz Jobim, Manuel Feliciano, Soares de Meireles, Silva Lima, Francisco de Castro, etc., etc.; nomes que brilham nos nossos dias: Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Miguel Couto,, Arnaldo Vieira de Carvalho, Oscar Freire, Clemente Ferreira, Miguel Pereira, (todos já falecidos) e Austregésilo, Aloísio de Castro, Pacheco e Silva, Benedito Montenegro, Flamínio Fávero, Osvaldo de Oliveira Clementino Fraga, Augusto Paulino, Manuel de Abreu, etc., etc.. As suas Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro, Salvador, Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte), com corpo docente escolhido e competente, e devida mente aparelhadas, são fornalhas em constante ebulição, preparando novos profissionais para defenderem o Brasil da invasão de quaisquer agentes perturbadores da saúde. O Brasil bastava-se a si próprio, no terreno da Medicina, no início do século XX, convicta e conscienciosamente, sem necessidade de que seus filhos demandassem outras paragens em busca da instrução. Entre-

tanto, uma razão poderosíssima determinava que alguns brasileiros se deslocassem a Coimbra, para ultrapassarem a «Porta Férrea» e inscreverem-se como alunos da sua Universidade.

Foi o que aconteceu com Alberto Moreira da Rocha Brito, com Álvaro Marques Machado, Domingos Ramos Paiva, Lucas Rodrigues Junot, António Caldeira de Matos, Héldio Gaspar de Freitas e tantos outros: circulando em suas veias sangue português, não poderiam, ainda de tenra idade, abandonar os pais, que iam de longada a Portugal, chamados por essa força poderosa e estranha que se chama Saudade. E os jóvens brasileiros lá seguiam, na companhia de seus progenitores, sulcando os mares, em busca da encantadora e hospitaleira terra dos seus ascendentes e ali se prendiam a Coimbra, muitos deles para o resto da vida, deixando um nome impoluto, a honrar a Família e a dignificar o Brasil.

Até 1910, limite do excelente trabalho de Francisco Morais, increveram-se na Faculdade de Medicina, para terminar o curso, sete rapazes do Brasil, um dos quais, Alberto Moreira da Rocha Brito, guindou-se, por merecimento próprio, ao professorado universitário, ocupando ainda hoje, a cadeira de «Clínica Médica». Seja-me permitido enunciar, também, o nome do carioca Álvaro Marques Machado, condiscípulo e muito amigo de Rocha Brito, que exerceu a profissão durante muitos anos em Cantanhede e com quem iniciei os meus primeiros passos na «Arte de Hipócrates». Sabedor, bondoso e excessivamente generoso, foi um verdadeiro «médico de família», trabalhando de sol a sol, e sempre com um sorriso nos lábios, com uma palavra de conforto. Morreu pobre, mas o seu nome ainda hoje é apontado como um exemplo de virtudes.

ALBERTO DE FARIA MOREIRA DA ROCHA BRITO

Ainda de tenra idade saiu de Campinas (Estado de São Paulo), o menino Alberto Faria de Moreira da Rocha Brito, em companhia de seus pais, José Moreira da Rocha Brito e Batistina de Faria da Rocha Brito, com destino à cidade do Porto (Portugal). Alberto havia nascido em Campinas, a 19 de Julho de 1885, recebendo o banho batismal no dia 28 de Março do ano seguinte, pelas mãos do Cónego Scipião Ferreira Goulart Junqueira, na Igreja de N. Senhora da Conceição, sendo seus padrinhos António Moreira da Rocha Brito e sua esposa Leonor Rosa da Rocha Brito, ali representados por procuração outorgada a João Ferreira Jorge e Joaquim Moreira da Rocha Brito. (Livro 14 de assentamentos de Baptizados, a fls. 145). Neto paterno de António Moreira da Rocha Brito e de Leonor Rosa da Rocha Brito e materno de Manuel Jacinto de Faria e Maria de Faria, estudou as primeiras letras em Campinas e fez o curso primário com a professora Balbina Cesarino, distinguindo-se entre os seus companheiros pela sua inteligência e grande vivacidade. Na cidade natal de seu Pai, Porto, fez o curso do Liceu, sempre com distinção, rumando depois para Coimbra, matriculando-se na Faculdade de Matemática e também na de Filosofia a 7 de Outubro de 1904. No ano lectivo de 1911-12 formou-se em Filosofia, com 18 valores e a 6 de Agosto de 1912 concluiu o curso de Medicina, com a nota máxima de 20 valores. Ainda aluno do 5.º ano, foi nomeado pela Faculdade primeiro-assistente de Clínica Médica e neste lugar foi encarregado pelo Conselho de reger a cadeira de «Propedêutica Médica». Tendo optado pela nacionalidade portuguesa, foi «apurado» para o serviço militar e na Grande Guerra foi mobilizado com o posto de tenente-médico, afim de marchar para a África. Entretanto, permaneceu em Portugal, porque o Governo deliberou que os oficiais

médicos que estivessem a exercer o magistério prestassem os seus serviços no país, para não abandonarem o ensino. Assim, prestou serviços médicos-militares em Coimbra e na Ericeira, por ocasião da grande epidemia de «gripe».

A 4 de Junho de 1917 foi nomeado professor catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra, depois de ter defendido tese com brilhantismo, sendo que o

trabalho apresentado para dissertação de concurso subordinava-se ao título «Insuficiência cardíaca». Antes de chegar à regência de «Clínica Médica», passou pelas cadeiras de «Dermatologia e sifiligrafia», «História da Medicina» e «Patologia Médica», sendo meu Mestre em todas essas disciplinas.

Pedagogo, orador, conferencista, escritor, dotado de grande capacidade de trabalho e dinamismo, pôs o Prof. Rocha Brito todas estas qualidades ao serviço da propaganda médico-social, agitando os problemas e remédios sociais da tuberculose, das doenças venéreas, da

lepra e dando a sua colaboração a outros Colegas que se batiam pela mesma causa. Conferências, entrevistas nos jornais, artigos nas revistas, presença em congressos científicos, tudo lhe serviu de pretexto para o bom combate. São dessa fase as interessantes conferências, entre muitas outras: «Se a mocidade soubesse!...», «O amor é cego», «600.000!...», «Treponema e Cia.», «Vénus e Mercúrio», «Guerra à lepra Paz ao leproso».

Como professor de medicina, além da sua actividade pedagógica, tem publicado vários escritos, que são o reflexo da sua acção na cátedra e no Hospital. Citarei, entre outros: «Considerações clínicas sobre um caso de criptoleucemia linfoide esplenomegálica, com linfadenia inaparente», «Patologia e clínica da artéria pulmonar», «A propósito dum caso de mieloma múltiplo», «A propósito dum caso de hepatonefrite aguda mortal, simulando a doença de Mathieu Weil». «O sangue em clínica», «Considerações sobre um caso de divertículo gigante do estômago», «A doença de Hand-Schuller-Christian», «Sindroma anémico de Fanconi», «Um caso de Banti», «O elogio da clínica», «O primeiro caso de Leptospirose íctero-hemorrágica na região de Coimbra», «Hemo-osteopatias», «Linfogranulomatose maligna e excavação pulmonar», «Neuroleucemias», «Descrição dum coração anómalo», «Amiloidoses», «Coração e foot-ball», «Les mésenterites retractiles», etc., etc..

Como literato e historiador tem enriquecido o património cultural português com muitos trabalhos: «História da gafaria de Coimbra», «Para a iconografia de S. Marcos médico», «A vida de S. Bernardo em azulejos eborenses», «Á margem dum quadro de Josefa de Óbidos», «A gestação de N. Senhora na escultura portuguesa», etc., etc..

Na qualidade de professor de História da Medicina e de grande curioso desses estudos, deu à publicidade inúmeros trabalhos, dos quais me lembro: «O primeiro dia de aula... na Faculdade de Medicina de Coimbra»,

«O primeiro médico geresiano», «A farsa dos físicos de Gil Vicente vista por um médico», «A biblioteca dum médico português do século XVI», «Harvey e a circulação do sangue», «Duas assinaturas de António Luís», «O doutor Tomás Rodrigues da Veiga, lente de medicina», «As primeiras dissecações humanas na Universidade de Coimbra», «A Faculdade de Medicina no século XVI», História da Faculdade de Medicína de Coimbra» (em colaboração»), «Paracelso», «Aspectos do Brasil Médico», «Um português na Faculdade de Medicina de Montpellier» (sec. XV), «Pedro de Alcobaça, médico e padre na côrte de Inglaterra», «O elogio da medicina pelo Padre António Vieira», «Quando principiou o ensino da Clínica Médica na Universidade de Coimbra?».

O Prof. Rocha Brito tem representando não só a Universidade de Coimbra como também Portugal em vários congressos internacionais, (Paris, Lyon, Madrid, etc.), tendo estado no Brasil, no Congresso de 1922.

Eis, a traços largos, a biografia de Alberto Moreira da Rocha Brito, o professor de medicina, o pedagogo, o conferencista, o literato, o historiador, o orador, que tanto tem prestigiado a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, e também a medicina e a intelectualidade portuguesa. Para completar o seu perfil biográfico necessário se torna que eu divulgue uma outra faceta da sua personalidade: a simplicidade e a amizade com que ele trata todos os seus alunos. Junto do Prof. Rocha Brito, não nos sentimos constrangidos e receiosos; tratamo-lo com o respeito que se deve a uma pessoa mais idosa, mas sem nos lembrarmos que somos alunos perante o Mestre, pois ele próprio elimina a distância que separa o professor dos seus discípulos, vindo até junto de nós não só para orientar o nosso raciocínio no desbravamento do intrincado e complexo campo da medicina, mas para trazer-nos a sua palavra amiga, cordial, benfazeja e por vezes paternal, que tanto nos desvanece! Quantos momentos de alegria e de sã camaradagem proporcionou

o Prof. Rocha Brito a muitos cursos da Faculdade de Medicina, acompanhando-os a visitas de estudos, a excursões de recreio?! Que o digam os seus inúmeros alunos, que ficam a guardar, pela vida fora, as mais gratas impressões desse bondoso Mestre, que soube ser Professor, na verdadeira acepção da palavra, mas que também soube ser Amigo dos seus alunos.

As sucessivas gerações de estudantes que têm passado pelas mãos do Prof. Rocha Brito continuam a prezar o Mestre e Amigo; a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra honra-se de tê-lo no seu corpo docente, como catedrático de Clínica Médica; Campinas, sua terra natal, deve sentir um certo orgulho em possuir um filho tão distinto e os descendentes da Família Rocha Brito que ali vivem, três médicos que dignificam a medicina campineira (Armando Rocha Brito, Armando Rocha Brito Filho e Roberto da Rocha Brito), contemplam, sorridentes e vaidosos, esse exuberante ramo da sua árvore, que na velha Universidade de Coimbra marca a presença do Brasil.

* * *

A velha e tradicional Universidade de D. Diníz, lá no alto da colina coimbrã, albergou, pois, carinhosamente, centenas e centenas de brasileiros, desde 1577 até aos nossos dias, dando-lhes uma cultura sólida e uma educação esmerada, preparando-os, assim, para os embates da vida. A maioria deles voltou às terras de origem, aí desenvolvendo as suas actividades profissionais, com saber, competência e vontade de vencer, «A BEM DO BRASIL»; outros, por lá ficaram, ocupando brilhantemente lugares proeminentes no professorado universitário, a transmitir aos vindouros os preciosos ensinamentos que os Mestres de antanho lhes proporcionaram, honrando a cátedra e dando uma viva demonstração da capacidade intelectual dos homens do Brasil.

A Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, tendo tido como seus ornamentos as figuras prestigiosas de JOSÉ FRANCISCO LEAL, JOSÉ CORREIA PICANÇO, ANTÓNIO JOAQUIM NOGUEIRA DA GAMA, ANGELO FERREIRA DINÍS, CARLOS JOSÉ PINHEIRO E ALBERTO DE FARIA MOREIRA DA ROCHA BRITO, nascidos em território brasileiro, manteve o seu elevado padrão de ensino e não esquecerá, jamais, a valiosa contribuição desses desbravadores da ciência médica, que tanto trabalharam para minorar o sofrimento dos enfermos, dignificando PORTUGAL, pátria que os estreitou como filhos e prestigiando o BRASIL, pátria que os viu nascer, «A BEM DA HUMANIDADE».

RESUMO

O A. faz uma ligeira síntese do ambiente cultural do Brasil nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX e também do desenvolvimento da medicina, focando o pouco interesse que as autoridades governamentais tiveram por esses dois assuntos, de magna importância. Alem disso, enuncia os nomes mais representativos que o Brasil manteve na Universidade de Coimbra, desde 1577, traçando biografias completas dos seis brasileiros que pertenceram ao corpo docente da Faculdade de Medicina, ponto capital do seu trabalho.

RÉSUMÉ

L'A. fait une breve synthèse de l'ambiant cultural du Brésil aux XVI^e, XVII^e, XVIII^e et XIX^e siècles, ainsi que du développement de la médecine en insistant sur le peu d'intérêt que les autorités gouvernementales leur temoignèrent. En outre, il énonce les noms des brésiliens les plus représentatifs à l'Université de Coimbra depuis 1577 et trace des biographies complétes de six brésiliens qui appartienent au corps enseignant de la Faculté de Médecine, point capital de son travail.

SUMMARY

The Author slightly both the brazilian cultural ambient in the XVI, XVII, XVIII & XIX centuries and the development of Medicine in Brazil, accentuating the small

care such considerable subjects deserved from governmental authorities. The Author besides mentions the most representative names that Brazil maintained into Coimbra University since 1577, giving the full biographies of the six brazilian professors that pertained to the Faculty of Medicine, this being the most important point of his work.

RESUM

Der Autor stellt eine kurze Zusammenfassung des brasilianischen Kulturzuztandes im XVI, XVII, XVIII und XIX Jahrhunderst vor, und erwaehnt das wenige Interesse der zustaendigen Behoerden gegen diese so sehr wichtige Gebiete. Ausserdem nennt er die Namen der bedeutensten Persoenlichkeiten, welche Brasilien seit 1577 in der Universitaet von Coimbra behielt, zusammen mit vollstaendigen Biographien der sechs Brasilianer, die zum Lherkoerper der Medizin Facultaet gehoerten, als Hauptpunkt diser Arbeit.

BIBLIOGRAFIA

1 — Almeida, Manuel Lopes de, *Documentos da Reforma Pombalina,* vol. I (1771--82), Coimbra, 1937.

2 — Bacelar, Renato Clark, *Origens da medicina em Portugal e no Brasil* «Notas Científicas Roche», Rio de Janeiro, 1946.

3 — Calmon, Pedro, *História do Brasil,* 3.º vol., Comp. Edit. Nac., São Paulo, 1943.

4 — Correia, Maximino, *Subsídios para a História da Anatomia em Coimbra,* «Folia Anatomica», vol. XXIV, n.º 2, Coimbra, 1950.

5 — Costa, Francisco Augusto Pereira da, *Diccionario biographico de pernambucanos celebres,* Typographia Universal, Recife, 1882.

6 — Freire, Gilberto, Casa Grande & Senzala, Rio, 1933.

7 — Gama, Nogueira da, *Genealogia...*

8 — «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», vários vols., Lisboa.

9 — Gusmão, Francisco António Rodrigues de, *Memórias biographicas dos médicos e cirurgiões portugueses,* Impr. Nacional, Lisboa, 1858.

10 — Leal, José Francisco, *Instituições ou elementos de Farmácia...,* Ofic. de António Gomes, Lisboa, 1792.

11 — Lemos, Maximiano, «Encyclopedia Portuguesa», Lemos & Cia., Porto.

12 — —, *História da medicina em Portugal,* Manoel Gomes, Editor, Lisboa, 1899.

13 — Lopes Rodrigues, *Anchieta e a medicina,* Edições Apollo, Belo Horizonte, 1934.

14 — Machado, Alcantara, *Vida e morte do bandeirante,* Livr. Martins Edit., S. Paulo.

15 — Magalhães, Fernando, *O centenário da Faculdade de Medicina do Rio de* Janeiro, Typ. Barthel, 1932.

16 — Melo, António Joaquim de, *Biographias...*

17 — Moacyr, Primitivo, *A instrução e as províncias,* 3.º vol., C. E. Nac., São Paulo, 1940.

18 — Morais, Francisco, *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil,* «Brasilia», Coimbra, 1949.

19 — Oliveira Lima, *Dom João VI no Brasil,* José Olympio, Rio, 1945.

20 — Pires de Lima, *Como foi iniciado o ensino da anatomia no Brasil,* «Brasilia», II vol., Coimbra, 1943.

21 — Ribeiro, Leonídio, *Medicina no Brasil,* Impr. Nac., Rio, 1940.

22 — Rocha, José Martinho da, *Introdução à História da Puericultura e Pediatria no Brasil,* Rio, 1947.

23 — Rocha, José Martinho da, *Nosso primeiro puericultor,* Agir Ed., Rio, 1946.

24 — Rocha, Pombo, *História do Brazil,* V vol., Benjamim de Aguila, Rio.
25 — Sacramento Blake, *Dic. Bibliografivo Brasileiro,* Rio, 1883, 1893, etc..
26 — Sant'Anna, Nuto, *O primeiro clinino,* «O Estado de São Paulo».
27 — Santos Filho, Licurgo dos, *História da Medicina no Brasil,* Edit. Brasiliense, São Paulo, 1947.
28 — Serra de Mirabeau, *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina,* Impr. da Universidade, Coimbra, 1873.
29 — Silva Carvalho, August, da, *História da medicina portuguesa,* Impr. Nac., Lisboa, 1929.
30 — Silva Leme, *Genealogia paulistana.*
31 — Silva, Quirino da, António Francisco Lisboa, «Diário de São Paulo».
32 — Toledo, Alfredo de, *Os médicos dos tempos coloniais,* Rev. Inst. Hist. e Geogr. São Paulo, tomo XX, 1915.
33 — Torres, Octavio, *Esboço histórico dos acontecimentos mais importantes da vida da Faculdade de Medicina da Bahia,* Impr. Vitória, Salvador, 1946.
34 — Von Martius, *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros,* C. E. Nac., São Paulo, 1939.

FOLIA ANATOMICA
VNIVERSITATIS
CONIMBRIGENSIS
VOL. XXVIII N.º 2

ACÊRCA DE UMA VARIEDADE RARA DE MÚSCULO ANGULAR DA OMOPLATA*

POR

A. PACHECO VIANA

2.º Assistente de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto

Quando, no meado do ano lectivo transacto, procedíamos à dissecção dos músculos da nuca para a demonstração respectiva, deparámos com uma variedade de músculo angular da omoplata que, pelo interesse que deriva da sua relativa raridade, aqui vimos comunicar.

É por todos sobejamente conhecido o tipo morfológico habitual do músculo angular da omoplata. Inserido inferiormente no ângulo superior e em maior ou menor extensão do bordo espinhal da omoplata, para cima da espinha, o músculo dirige-se para cima, levemente oblíquo para diante e para dentro, e divide-se em três ou quatro feixes que, divergindo um pouco, se inserem nas apófises transversas das três ou quatro primeiras vértebras cervicais.

Ora o caso que vimos relatar diferia deste tipo morfológico normal por haver segmentação total bilateral em quatro feixes e ainda pelo facto de, à direita, um dos

---

* Comunicação apresentada ao Congresso Luso-Hispano-Americano de Anatomia (Salamanca, 9-12 de Abril de 1953).

feixes ser aberrante, fixando-se inferiormente na aponevrose profunda do grande dentado.

A segmentação total do músculo angular da omoplata, isto é, a sua divisão em feixes que se mantêm independentes em todo o seu comprimento, é uma particularidade bastante rara, à qual nem Testut-Latarjet (1), nem Poirier-Charpy (2), por exemplo, fazem qualquer referência. Estes autores só mencionam a possibilidade do feixe atloideu se conservar isolado do corpo carnoso em toda a sua extensão (observação de Chudzinski). Le Double (3) refere os casos de Wood (6 feixes isolados), de Morestin (5 feixes distintos) e de Kelsh (3 feixes independentes). Recentemente, Sánchez Guisande (4) descreveu um caso de angular da omoplata dividido em 5 feixes completamente distintos de ambos os lados.

Na literatura anatómica portuguesa só conhecemos o caso descrito em 1919 pelo Prof. H. Monteiro (5), em que havia divisão completa em três feixes à direita.

O aparecimento de feixes aberrantes do angular da omoplata observa-se com mais frequência e na literatura encontram-se descritos desses feixes com os destinos mais variados — aponevroses do grande dentado e do pequeno dentado posterior e superior, romboide, 1.ª e 2.ª costelas, tecido celular compreendido entre o grande dentado e as costelas, etc.. A este respeito encontram-se descritos na literatura anatómica portuguesa doze casos, todos do Prof. H. de Vilhena (6, 7, 8), entre os quais um de inserção na aponevrose profunda do grande dentado, muito semelhante ao que aqui se relata.

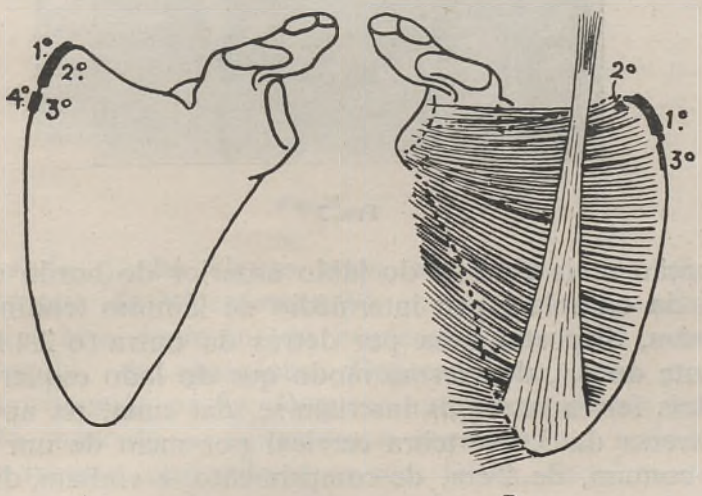
No nosso caso verificava-se à esquerda (fig. 1)[1] uma divisão do músculo angular em quatro feixes distintos em todo o seu comprimento que se inseriam nas apófises transversas das quatro primeiras vértebras cervicais; a inserção destes feixes na omoplata fazia-se por meio

---

1 Tanto nesta como na fig. 3, as fotografias foram tiradas com as omoplatas rebatidas para fora, após secção do trapézio e do romboide.

de lâminas tendinosas perfeitamente independentes, do

FIG 1



A B

FIG. 2

modo que mostra a fig. 2A, isto é, no lábio anterior do

bordo espinhal da omoplata desde o ângulo superior até ao nível da extremidade interna da espinha e dois a dois (em cima 1.º e 2.º, a seguir 3.º e 4.º). Na fig. 3 vê-se o aspecto do músculo à direita, com quatro feixes perfeitamente isolados, sendo o inferior aberrante. Os dois feixes mais elevados inseriam-se, em cima, nas apófises transversas do atlas e do axis e, em baixo, no ângulo

FIG. 3

e porção mais elevada do lábio anterior do bordo espinhal da omoplata por intermédio de láminas tendinosas isoladas, dispostas uma por detrás da outra (o 2.º feixe adiante do 1.º, do mesmo modo que do lado esquerdo); os dois feixes restantes inseriam-se, em cima, na apófise transversa da 3.ª vértebra cervical por meio de um tendão comum, de 2 cm. de comprimento, e vinham, divergindo levemente, fixar-se, em baixo, um no lábio anterior do bordo espinhal da omoplata logo abaixo da inserção dos outros dois (fig. 2B), o outro, aberrante, na apone-

vrose que recobria a face profunda do grande dentado por meio de fibras aponevróticas levemente expandidas que podiam seguir-se até ao ângulo inferir da omoplata (fig. 2B); este feixe aberrante era o mais delgado e o que estava mais profundamente situado.

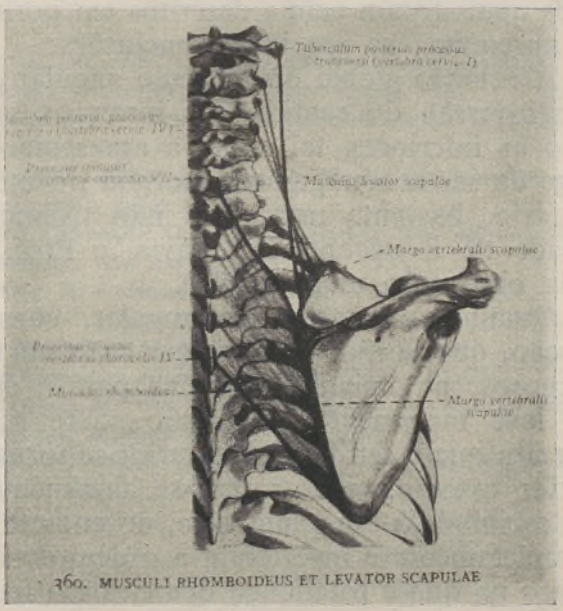


FIG. 4

Quando, já há alguns anos, folheávamos o Atlas de Anatomia de Woerdeman (9), chocou-nos a maneira como aparecia representado esquemàticamente o músculo angular da omoplata. Depreendia-se dessa gravura (reproduzida na fig. 4) que o autor considerava que o citado músculo se apresentava normalmente rodado sobre si mesmo, cruzando-se os seus feixes, de tal modo que se invertia a ordem de inserção dos mesmos ao nível das extremidades raquidiana e escapular. Como não era essa a noção que possuíamos da morfologia normal

do referido músculo no respeitante ao sentido das inserções superiores em relação às inferiores, decidimos então, no intuito de esclarecer o ponto em dúvida, empreender o estudo sistemático desse músculo nos cadáveres que fossem passando pelo teatro anatómico. Hoje, com mais de meia centena de músculos angulares estudados — dois dos quais foram acima descritos em pormenor — podemos apresentar as seguintes conclusões:

1.ª) A rotação global do músculo angular da omoplata com inversão do sentido das inserções superiores em relação às inferiores, tal como a apresenta Woerdeman, longe de ser a configuração normal do músculo é, pelo contrário, bastante rara, pois não tivemos nunca oportunidade de a encontrar; todavia, o Prof. Vilhena refere tê-la observado uma vez (10).

2.ª) Quanto à rotação do angular, conservamos hoje a noção, que já tínhamos, de que cada um dos seus feixes carnosos, ao baixar da coluna para a omoplata, sofre um leve movimento de torção sobre si mesmo, de tal maneira que o seu bordo posterior se torna interno e o anterior externo, vindo inserir-se, finalmente, todos no bordo espinhal da omoplata, sem, no entanto, se cruzarem completamente e inverterem a ordem de inserção; encontrámos na quase totalidade dos casos o feixe atloideu, de todos o mais desenvolvido, situado superficialmente e recobrindo quase por completo todos os outros que, em número variado e mais ou menos isolados, apareciam quase sempre regularmente sobrepostos, sendo mais profundo o feixe que mais baixo se inseria na coluna cervical. Existem, todavia, muitas variantes na disposição destas inserções inferiores, das quais um exemplo particularmente frisante, pela total independência dos feixes, é o que mostra a fig. 2.

BIBLIOGRAFIA

1 — Testut, L.-Latarjet, A. — «Tratado de Anatomia Humana», 8.ª ed., Salvat Editores. Barcelona, 1944. Tomo I, pág. 902.

2 — Poirier-Charpy — «Traité d'Anatomie Humaine», G. Doin. Paris, 1912. Tome II, p. 144.

3 — Le Double — «Traité des Variations du Système Musculaire de l'Homme». Paris, 1897. Tome I, pág. 209.

4 — Sanchez Guisande, G. — «Segmentación total del músculo angular del omoplato», *Arq. Anat. Antrop.* 18:61, 1937.

5 — Monteiro, H. — «Notas Anatómicas», *Idem.* 5:186, 1919.

6 — Vilhena, H — «Observações Anatómicas, *Idem* 1:22, 1912-14.

7 — —— «Observações Anatómicas», *Idem* 3:158, 1916-17.

8 — —— «Observações Anatómicas», *Idem* 7:327, 1921-22.

9 — Woerdeman, M. W. — «Atlas of Human Annatomy», Wetenchappelijke Uitgeverij, Amsterdam, 1948, Vol. I, pág. 360.

10 — Vilhena, H. — «Observações Anatómicas», *Arq. Anat. Antrop.* 21:493, 1940-41

FOLIA ANATOMICA
VNIVERSITATIS
CONIMBRIGENSIS

VOL. XXVIII N.º 3

SOBRE A HISTOQUÍMICA DA CÓRNEA
I — SUBSTÂNCIAS SULFIDRILADAS E METACROMÁTICAS *

POR

SILVA PINTO

Estudos de bioquímica mostraram há anos já a riqueza e certas variações de substâncias sulfidriladas da córnea, entre as quais se contavam, sobretudo, o glutatião, a cisteina e metionina; recentemente, alguns autores determinaram até a percentagem dos diversos ácidos aminados — Schaeffer & Shankman [1] — e mesmo de outros compostos existentes naquela membrana. A localização desses compostos não foi, porém, pesquisada.

Pelo que às substâncias sulfidriladas diz respeito, é do conhecimento geral que elas se encontram ou dissolvidas ou incorporadas na molécula proteica (compostos sulfidrilados fixos) e que desempenham importante papel

---

* Comunicação ao VII Congresso da Sociedade Luso-Hispano-Americana de Anatomia e à XV Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa (Salamanca, Abril de 1953).

1 Schaeffer & Shankman — The amino-acid composition of the protein of the ocular tissues. — *Am. J. Ophth.*, 33 (1950), 1049.

na anátomo-fisiologia dos órgãos, dos tecidos e das células.

Para bem se compreender, a anátomo-fisiologia exige não só o conhecimento das percentagens dos compostos que integram os elementos morfológicos considerados, mas também, e sobretudo, a determinação da zona ou ponto em que esses compostos se localizam. Assim, com mais proveito notará a sua variação conforme o estado ou momento funcional do órgão, tecido ou célula em referência. Com tal pensamento, escreveram Herrmann & Moses [1] acerca da determinação quantitativa do glutatião no epitélio e estroma da córnea: «Although the case of the cornea might be an extreme, such results definitely show that glutathione determinations carried out with extracts from complex tissues are inadequate or even misleading of used as the basis for a functional correlation».

Por outro lado, sabe-se, também, que o estroma da córnea apresenta coloração metacromática quando se utilizam corantes especiais. Não se estudaram, contudo, as variações dessa metacromasia na diversa patologia ocular e particularmente na patologia corneana. Afirma-se que na substância cromótropa existe um hialurono-sulfato que se encontrou únicamente na córnea e que é hidrolisado por todas as hialuronidases.

Como a histoquímica já hoje dispõe de métodos que permitem reconhecer a existência e, até certo ponto, comprovar as diferenças quantitativas dos compostos sulfidrilados e metacromáticos, decidimo-nos a investigar no ratinho, no coelho, no cão e no Homem a distribuição daquelas substâncias e ainda, dentro de certos limites, as suas variações em diversa patologia ocular humana. E para procurarmos conhecer qual dos polissacarídeos sulfurados era responsável pela referida meta-

---

[1] Hermann & Moses — Content and state of glutathione in the tissues of the eye. — *J. Biol. Chem.*, 158 (1945), 33.

cromasia, hidrolisamos aquelas substâncias com as hialuronidases contidas no Kinaden e no Hyason.

Em córneas frescas de animais recém-sacrificados, e, sobretudo, em olhos fixados em formol salgado até ao máximo de 24 horas, pesquisamos os compostos sulfidrilados livres, em cortes de congelação com a espessura de 20 a 25 micras, pelos métodos do nitroprussiato de sódio, em meio alcalino, e do azul da Prússia, (Chêvremont & Frédéric [1]), executados uma vezes simultâneamente, outras vezes separadamente. Efectuou-se a redução dos compostos sulfidrilados oxidados (glutatião oxidado) pelo cianeto de potássio a 10 %. A identificação dos compostos — SH fixos foi realizada em córneas tratadas pelo ácido tricloroacético a 10 %, segundo a técnica habitual.

O estudo da metacromasia fez-se com solutos de toluidina «Grubler» com diluições desde 1/800 até 1/50.000. Os cortes, de 10 micras, depois de desparafinados mergulhavam-se naqueles solutos durante 30 segundos e montavam-se, a seguir, em xarope de Apathy. A observação era imediata. Todas as córneas em que se estudou a metacromasia foram fixadas em formol neutro a 10% com 4 % de acetato de chumbo, como recomenda Cedeberg [2], e quase todas incluidas em parafina. Para a pesquisa do efeito do Kinaden e do Hyason, os cortes eram metidos em solutos destes preparados em soro fisiológico onde se mantinham durante 6 horas a 37° C. A concentração do Kinaden e do Hyason poucas vezes excedeu, respectivamente, 10 unidades Schering e 5 U.V.R. por centímetro cúbico.

Utilizei o seguinte material: quatro olhos de ratinho, coelho e cão normais, dezoito olhos humanos, entre os quais

---

[1] Chêvremont & Frédéric — Une nouvelle méthode histochimique de mise en évidence des substances à fonction sulfhydrile — *Arch. de Biol.*, 44 (1943), 589.

[2] Cedeberg — The occurence of chromotropic. — *Acta Anat.*, 12 (1951), 30.

se contavam três córneas normais, e ainda quatro cães em que fizeramos prévia destruição da Descemet e do endotélio. Fundamentam, portanto, este estudo e exame de 34 olhos, 16 de animal e 18 de Homem.

COMPOSTOS SULFIDRILADOS

A — Compostos sulfidrilados solúveis: Foi de excepcional constância o resultado da pesquisa dos compostos -SH solúveis da córnea, especialmente em casos normais. Com efeito, nos doze olhos de ratinho Coelho e Cão, sempre encontrei, qualquer que fosse a técnica utilizada, compostos sulfidrilados solúveis no epitélio, na Descemet e no endotélio. É certo a Descemet ser a que aparece sempre menos intensamente corada, como é verdade o epitélio ser o que mais fortemente se cora. No entanto, as reacções ao nitroprussiato de sódio e do azul da Prússia, mais sensível que a primeira, foram sistemàticamente positivas em todas as córneas e em todos os cortes, e, além disso, de igual intensidade qualquer que fosse o ponto da córnea estudado.

Por outro lado, no estroma e na membrana de Bowman, em nenhum caso encontrei compostos -SH solúveis, denunciados por aquelas duas reacções.

Quando fiz actuar prèviamente, sobre os cortes, o cianeto de potássio, afim de reduzir os compostos sulfidrilados oxidados, especialmente o glutatião oxidado, notei que as referidas reacções adquiriam maior intensidade. Parte dos compostos -SH solúveis deve, pois, apresentar-se debaixo daquela forma, principalmente o glutatião.

Nas córneas humanas normais, com lesões, infectadas, com leucomas ou com outras alterações, vascularizadas ou não, sempre os resultados foram os mesmos e perfeitamente sobreponíveis aos das córneas de ratinho, coelho ou cão: presença constante de compostos

sulfidrilados solúveis no epitélio, na Descemet e endotélio; ausência sistemática dos mesmos compostos na Bowman e no estroma (Fig. 1). Provam o que acabo de afirmar os resultados obtidos em dez doentes e resumidos no quadro I, onde se incluem três córneas normais e mais sete com patologia muito diversa. Após redução pelo cianeto de potássio, os resultados mantiveram-se qualitativamente os mesmos, embora a sua intensidade aumentasse em todos os casos, como acontecera nas córneas de animais (Fig. 1). Verifica-se, ainda, pelo exame do mesmo quadro, que a intensidade de coloração da Descemet é quase sempre igual à do endotélio, e nunca superior.

B — Compostos sulfidrilados fixos: Não foram sobreponíveis e nítidos os resultados da pesquisa destes compostos, quer pelo nitroprussiato de sódio, quer pela reacção do azul da Prússia. Deve acrescentar-se, até, que diferiram com o método histoquímico empregado. Com o nitroprussiato, se é quase constante haver reacção positiva no epitélio, é raro encontrar-se a Descemet ou o endotélio corados. Pelo contrário, quando se utiliza a reacção do azul da Prússia, sistemàticamente se demonstra, de modo mais ou menos evidente, presença daqueles compostos no epitélio, na Descemet e no endotélio (Fig. 1).

De qualquer maneira, pode afirmar-se que nas córneas normais, de ratinhos, coelhos e cães, havia constantemente compostos SH fixos no epitélio, qualquer que fosse o método empregado para os revelar. Na membrana de Descemet e no endotélio acontecia o mesmo se se utilizava a reacção do azul da Prússia, mas frequentes vezes os resultados eram negativos com o nitroprussiato. Na membrana de Bowman e no estroma é que nunca encontrei aqueles compostos por qualquer dos métodos.

No Homem, quer se trate de córneas normais, quer de córneas alteradas por uma ou outra afecção, os resul-

QUADRO I

Doente	Sexo	Idade (anos)	Diagnóstico	Evolução	Compostos -SH: Glutatião reduzido					Compostos -SH: Glutatião total				
					Epit.	Bowm.	Estr.	Desc.	Endot.	Epit.	Bowm.	Estr.	Desc.	Endot.
OH53	♂	5	OE: Rabdomiossarcoma do ângulo ínfero-inter. da órbitra. Globo e córnea normais.	5 anos	++	—	—	+—	+—	+++	—	—	++	++
OH60	♀	35	OE: Perfuração do globo com extensa ferida incisa da córnea, hérnia da iris, etc.	8 dias	+	—	—	+—	+—	++	—	—	++	+—
OH61	♂	15	OE: Perfuração. Reacção irido-ciliar. Queratite. Atrofia.	28 dias	+	—	—	+—	+—	+++	—	—	+	+
OH62	♂	41	OD: Glaucoma sec. a uveite por corpo estranho intra-ocular (?). Catar. patológica.	4 anos	+	—	—	—	+—	++	—	—	—	+—
OH64	♀	4	OD: Perfuração do globo por ferida incisa córneo-escleral. Irido-ciclite. Atrofia.	21 dias	+	—	—	+—	+	+++	—	—	+	+
OH65	♀	20	OE: Coto atrófico com leucoma total vascularizado.	17 anos	+	—	—	+—	+—	++	—	—	+	+
OH66	♀	47	OE: Coroidite metast. Atrofia. Córnea normal.	2 meses	++	—	—	+	+	+++	—	—	++	++
OH67	♀	45	OD: Sarcoma melânico da coroide. Córnea normal.	1 ano	++	—	—	+	+	+++	—	—	++	++
OH68	♀	38	OD: Glaucoma absoluto sec. a irido-ciclite. Leucoma central aderente.	2,5 meses	++	—	—	+	+	+++	—	—	++	++
OH98	♂	43	OE: Perfuração do globo. Irido-ciclite.	77 dias	++	—	—	+	+	+++	—	—	++	++

R. do nitroprussiato de sódio e do azul da Prússia

tados são idênticos aos descritos acima (Fig. 1). No quadro II, onde se resumem as observações de 5 doentes

e onde se inclui uma córnea normal, verifica-se, também, a instabilidade dos resultados com o nitroprussiato relativamente à presença de compostos -SH fixos no epitélio, Descemet e endotélio. Por outro lado, demonstra-se a positividade da reacção do azul da Prússia naque-

QUADRO II

Doente	Evolução	Diagnóstico	Compostos -SH fixos			Método
			Epit.	Bowm.-estr.	Desc.-endot.	
OH-58 ♂	5 anos	OE: Rabdomiossarcoma (córnea normal).	+—	—	—	Nitroprussiato de sódio
OH-60 ♀	8 dias	OE: Perfuração do globo com ferida incisa da córnea.	+	—	—	»
OH-61 ♂	28 dias	OE: Perfuração do globo. Reacção irido-ciliar. Atrofia.	—	—	—	»
OH-68 ♀	2,5 meses	OD: Glaucoma absoluto secundário. Leucoma central aderente.	+—	—	+	Azul da Prússia
OH-98 ♂	77 dias	OE: Perfuração do globo. Irido-ciclite.	+	—	+	»

les planos da córnea quando a reacção no nitroprussiato é duvidosa ou negativa.

Do que não houve dúvidas foi da ausência constante daquelas reacções na Bowman e no estroma com qualquer dos métodos empregados (Fig. 1), como também mostra o quadro II.

Quer dizer, em animais ou no Homem, em diversas condições patológicas, a quantidade de compostos sulfidrilados fixos deve ser diminuta no epitélio e mais ainda na Descemet e no endotélio; no estroma e na membrana é seguro não existirem.

METACROMASIA

Os resultados da pesquisa da metacromasia na córnea, qualquer que seja a proveniência do material, apresentam a mesma rara uniformidade apontada a propósito dos compostos sulfidrilados livres.

Nas córneas de ratinho, coelho e cão, perfeitamente normais, sistemàticamente encontrei metacromasia no estroma e ainda na membrana de Bowman, embora com menor intensidade. No limbo, era nítida a diferença entre a coloração rósea do estroma corneano e a coloração do tecido conjuntivo da esclerótica. Idênticamente, foi também constante a ausência de metacromasia no epitélio, no endotélio e ainda na membrana de Descemet, mesmo com concentrações de toluidina de 0,5 %.

No Homem, observam-se, de modo geral, os mesmos factos; presença de metacromasia no estroma e na membrana de Bowman; sua ausência na Descemet, no endotélio e no epitélio (Fig. 2). O rápido exame do quadro III, que resume as pesquisas efectuadas em dez doentes, e onde se incluem duas córneas normais, mostra bem o que ficou exposto. Vê-se, ainda, no conjunto, que a reacção é mais intensa no estroma do que na membrana de Bowman.

Um exame circunstanciado faz ressaltar mais alguns factos importantes. Em primeiro lugar, as diferenças da intensidade da coloração metacromática das córneas, tanto no estroma como na Bowman; depois, e sobretudo, que essas diferenças se acentuam na medida em que as alterações corneanas e oculares aumentam. O OH16 e o OH21 não mostraram metacromasia em nenhum plano da córnea e o OH20 só manifestou leve metacromasia no estroma. Quer dizer, nos olhos que apresentavam profundas alterações, sobretudo de carácter inflamatório, a córnea perdera totalmente ou quase

as suas propriedades metacromáticas. Mais ainda, na mesma córnea, a metacromasia atenua-se ou desaparece junto das zonas profundamente alteradas e infectadas, como exemplifica o OH3 (Fig. 2).

QUADRO III

Doente	Sexo	Idade (anos)	Diagnóstico	Evolução	Metacromasia (azul de toluidina 1/800)			
					Epit.	Bowm.	Estr.	Desc. Endot.
OH 3	♂	61	OD: Úlcera. Uveite. Hipertensão.	?	—	+ (Zona alt.—)	++ (Zona alt.—)	—
OH 5	♂	38	OD: Coroidite metast. Coto atrófico.	1,5 ano	—	+	+	—
OH 16	♂	66	OD: Úlcera. Panoftalmia.	?	—	—	—	—
OH 20	♀	59	OD: Úlcera. Ectasia. Leucoma. Atrofia.	10 meses	—	—	+—	—
OH 21	♂	60	OE: Leucoma antigo. Traumatismo. Abcesso intraoc.	11 dias	—	—	—	—
OH 57	♂	63	OE: Uveite hipertensiva.	1 ano	—	+	++	—
OH 64	♀	40	OD: Perfuração por ferida incisa córneo-escleral. Irido-ciclite. Atrofia.	3 seman.	—	+	+	—
OH 65	♀	20	OE: Coto atrófico com leucoma total vascularizado.	17 anos	—	+—	++	—
OH 66	♀	47	OE: Coroidite metast. Atrofia. Córnea normal.	2 meses	—	+—	+	—
OH 67	♀	45	OD: Sarcoma melânico da coroide. Córnea normal.	1 ano	—	+—	++	—

Por outro lado, demonstram-se no animal factos idênticos. Em quatro cães a que fiz queratotomia para destruir mecânicamente o endotélio, verifiquei, entre o primeiro e décimo quinto dia, exactamente o mesmo — quadro IV. Também junto da incisão a metracomasia era menor que no restante da córnea, cuja coloração metacromática não variara.

Quando se procura determinar, digamos, a intensidade metacromática do estroma-Bowman por coloração dos cortes com solutos de toluidina cada vez mais diluidos, verifica-se que na maioria dos casos a metacromasia

desaparece com solutos de diluição superior a 1/10.000. Foi o que observamos em quatro dos seis doentes regis-

QUADRO IV

DESTRUIÇÃO PARCIAL DA DESCEMETE E ENDOTÉLIO APÓS QUERATOTOMIA

Cão	Evolução	Exame	Metacromasia		
			Epitélio	Bowman-Estroma	Desc.-Endot.
144	24 horas	Turvação da córnea	—	++ (menor junto da inc.)	—
146	3 dias	Peq. turv. da córnea	—	++ (idem)	—
147	15 dias	Turvação da córnea	—	++ (idem)	—
149	3 dias	Turvação da córnea	—	++ (idem)	—

tados no quadro V. E eu posso já acrescentar que a intensidade metacromática das granulações dos mastocitos, por exemplo, é maior, pois enquanto os solutos

QUADRO V

ACÇÃO DO KINADEN E DO HYASON SOBRE A METACROMASIA DO ESTROMA DA CÓRNEA COM SOLUTOS DE TOLUIDINA «GRUBLER»

Doentes	Idade (anos)	Diagnóstico	Evolução	KINADEN (10 U. Sch./cc)		HYASON (5 U. R. V./cc.)	
				Antes	Depois	Antes	Depois
OH 3 ♂	61	OD: Úlcera. Uveite. Hipertensão.	?	1/10.000	1/10.000	1/10.000	1/10.000
OH 4 ♀	2	OD: Queratite. Ectasia da córnea	?	1/10.000	1/ 5.000	1/10.000	1/10.000
OH 52 ♂	20	OD: Rotura da córnea; leucoma vascular. Atrofia do globo.	4 meses	1/ 5.000	1/ 5.000	1/ 5.000	1/ 5.000
OH 74 ♂	21	OE: Corpo estranho intra-ocular. Glaucoma absoluto.	1 ano	1/10.000	1/10.000	—	—
OH 77 ♀	61	OD: Glaucoma absoluto.	2 meses	1/20.000	1/20.000	1/20.000	1/20.000
OH 81 ♂	29	OE: Traumatismo ocular; glaucoma.	16 anos	1/10.000	1/10.000	1/10.000	1/10.000

Fixação, formol neutro + acetato de Pb; inclusão, parafina.
Tempo de acção do Kinaden e do Hyason, 6 horas a 37° C.

a 1/20.000 deixam completamente incolor o estroma, ainda evidenciam os mastocitos do limbo. Observa-se, também, pelo exame do quadro V, que o Kinaden e o Hyason, nas condições experimentais descritas, não têm qualquer acção sobre a metacromasia corneana. Antes e depois da acção daqueles fermentos a intensidade metacromática da córnea é a mesma, isto é, a metacromasia desaparece com solutos de toluidina de igual concentração, qualquer que seja o estado da córnea.

Para interpretarmos os resultados expostos, convém primeiro, fixarmos, o valor das técnicas histoquímicas utilizadas na pesquisa dos compostos sulfidrilados e das substâncias cromotropas.

A reacção do nitroprussiato de sódio parece oferecer todas as garantias de especificidade histoquímica. A sua positividade marca a presença de sulfidrilos livres, sobretudo de glutatião reduzido — exclusivamente do glutatião segundo alguns autores, e entre eles Panijel [1]. Tem vários inconvenientes, e, além de outros, o de necessitar de elevado teor de sulfidrilos para se obter coloração suficiente, de onde a recomendação de se trabalhar em cortes espessos. De maior sensibilidade é a reacção do azul da Prússia (Chêvremont & Frédéric), cuja especificidade a maioria dos investigadores aceita, desde que se execute nas condições recomendadas.

Revelam estas reacções os compostos sulfidrilados livres, isto é, segundo Mayer [2] o glutatião reduzido, de todos o mais importante, e a ergotioneina, a que se deverá juntar, ainda, a cisteina. Esta, presente sobretudo em zonas em que se desenvolvem fenómenos de queratinização; aquela, mais rara, mesmo ausente em diversos tecidos. Há, além destas, as substâncias sulfidriladas

---

[1] Panijel — Les problèmes de l'histochimie et de la biologie cellulaire. — Paris, 1951.

[2] Mayer — Le glutathion. Paris, 1937.

incorporadas na molécula proteica, que se «desmascaram» pela acção do ácido tricloroacético e lavagem dos outros compostos SH atrás referidos. Parece, no entanto, que nem todos os grupos SH são revelados por esta técnica.

Quanto à metacromasia, a sua importância histoquímica continua discutível. Os defensores das teorias químicas da metacromasia, e, sobretudo, Lison[1], atribuem-lhe significado específico e indicativo da presença de ésteres sulfúricos dos polissacarídeos, tanto mais fortemente cromótropos quanto maior for o seu peso molecular.

A grande importância destes compostos parece hoje inegável. Policard [2] escreve a tal propósito: «Les mucopolysaccharides jouent un rôle capital dans la physiologie de la substance fondamentale». E continua: «Dans l'ordre pathologique, la considération des mucopolysaccharides est essentielle. La *pathologie* du collagène est, en réalité, beaucoup plutôt la pathologie de la substance fondamentale interposée entre les dispositifs collagènes».

Por outro lado, os adeptos das teorias físico-químicas não reconhecem especificidade química à metacromasia, e, por isso, não lhe podem atribuir a mesma importância. Admitem, porém, que a metacromasia chama a atenção para certos constituintes cuja natureza bioquímica poderá depois ser precisada (Dalcq & Massart [3]). De qualquer modo, todos são concordes em que «Le *virage metachromatique* n'est pas une réaction quantitative» (Lison-*loc. cit.*), como de modo geral todas as reacções histoquímicas. Apesar disso, como outros inves-

---

[1] Lison — Études sur la métachromasie. Colorants métachromatiques et substances chromotropes. *Ach. de Biol.*, 46 (1935), 599.

[2] Policard. — Sur la structure et le fonctionnement inframicroscopique de la substance conjonctive. *La Presse Médicale*, 1951, p. 1.341.

[3] Dalcq & Massart — Aspects physico-chimiques de la métachromasie *in vivo* au bleu de toluidine. *C. R. Soc. Biol.*, 146 (1952), 1436.

tigadores, fizemos pesquisas com diluições diversas, para determinar a natureza do material metacromático ao azul de toluidina, no intuito de encontrar diferente poder metacromático após a possível hidrólise dos polissacarídeos sulfonados pelo Kinaden e Hyason. Procurávamos com estas experiências de histoquímica inferir sobre a provável composição dos cromótropos corneanos — histoquímica indirecta.

Prova o conjunto dos resultados que os compostos SH livres e, portanto o glutatião, de todos o mais abundante, existem constantemente no epitélio, na Descemet e no endotélio, qualquer que seja o estado da córnea. Mais ainda, que aqueles compostos se encontram em certa percentagem debaixo da forma oxidada, já que as reacções são indiscutívelmente mais nítidas após a acção do cianeto de potássio.

Pelo que ao glutatião diz respeito, é perfeitamente compreensível a sua presença no epitélio e endotélio, nas células que os constituem, onde actuaria, directa ou indirectamente, sobre o respectivo metabolismo. Bennett [1], resumindo a opinião geral, escreve: «Evidence for the presence of sulphydryl in cellular organs and its absence in extracellular collagenous connective tissue has long been known...». Isto concorda com os resultados de Herrmann & Moses (*loc. cit.*) que no epitélio da córnea de bovinos, após o nascimento, encontraram o glutatião reduzido na percentagem de 110 mgr. %.

Pelo contrário, na Descemet, dada a sua estrutura, é por enquanto enigmática a existência daquele tripeptídeo, qualquer que seja o estado da córnea. É certo que ele poderia ali desempenhar funções de protecção ou de reserva de enxofre, mas até ao presente nada de seguro e de suficientemente justificado se sabe. Por isso, não creio ousado supor que, pelo menos parte dos compostos SH livres seja constituída por cisteina.

---

[1] Bennett — *Anat. Rec.*, 110 (1951), 231.

Acentue-se mais uma vez a ausência de compostos sulfidrilados no estroma e na membrana de Bowman. Herrmann & Moses (*loc. cit.*) não encontraram mais de 5 mgr. % de glutatião reduzido no estroma das córneas de bovinos em que o dosearam.

Quanto aos compostos sulfidrilados fixos, é forçoso reconhecer a sua idêntica distribuição, e, ainda, a pequena quantidade em que aparentemente se encontram nas preparações histológicas. Admito que nem todos sejam revelados pelos processos histoquímicos, mas também acredito em que as suas percentagens sejam, na realidade, baixas.

De tudo, três factos merecem especial realce: *a*) a presença dos compostos sulfidrilados no epitélio, Descemet e endotélio e a sua falta no estroma e na membrana de Bowman; *b*) a existência de compostos SH solúveis e fixos na Descemet; *c*) a presença e normal distribuição destes compostos qualquer que seja o estado ocular e mesmo da córnea.

As pesquisas sobre a metacromasia corneana mostram, de modo terminante, que esta se limita ao estroma e à membrana de Bowman. A admitirmos os pontos de vista de Lison, só nestes dois planos da córnea existiriam ésteres sulfúricos de polissacarídeos em quantidade apreciável. Mostram, ainda, os resultados expostos nos quadros III e IV que o grau de metacromasia difere ou pode diferir muitíssimo. As alterações oculares e sobretudo corneanas, em especial as de natureza inflamatória, diminuem e extinguem a metacromasia do estroma e da Bowman. O grau e a extensão da redução da metacromasia parecem mesmo relacionados com a gravidade da infecção. Quer dizer, as alterações infecciosas oculares provocam degradação dos ésteres sulfúricos dos polissacarídeos que formam a parte principal da substância fundamental do tecido conjuntivo do estroma. E se a esta se deve, pelo menos em parte, a impermeabi-

lização dos tecidos conjuntivos, com o desaparecimento daqueles polissacarídeos haverá maior permeabilidade do estroma, a qual, naturalmente, se deverá acompanhar de maior facilidade de penetração e difusão dos agentes infecciosos, etc.. Este problema, embora mal esclarecido, parece-me, contudo, de grande importância, como já demonstraram outras experiências que não vem a propósito referir.

Por outro lado, quando procurei determinar a natureza do material metacromático do estroma e da membrana de Bowman pelo Kinaden e Hyason, verifiquei que estes fermentos eram incapazes de modificar a metacromasia, nas condições experimentais escolhidas. Quer dizer, a hialuronidase de origem testicular e bacteriana daqueles dois produtos não hidrolisa os polissacarídeos da córnea; deles não deveria, portanto, fazer parte o ácido hialurónico. Na opinião de Meyer, a hialuronidase de origem testicular, do tipo do Kinaden, destrói os polissacarídeos corneanos, e elimina a metacromasia da córnea, pois, além da hialuronidase pròpriamente dita, termolábil, contém uma condromucinase, resistente à temperatura em pH muito ácido — Lillie, Emmast & Laskey[1] —. Já antes Bunting[2] verificara que a hialuronidase de origem testicular, numa concentração de 15 T.R.V./cc., durante 18 horas a 37° C, atavaca o ácido hialurónico e condroitino-sulfúrico e fazia desaparecer a metacromasia da córnea, mas não a das granulações dos mastocitos.

Atendendo mesmo às diferenças da técnica, não sei se se poderá compreender a razão desta irregularidade de resultados. Nas minhas experiências não houve efectivamente diversidade de efeitos do Kinaden e do Hyason

---

[1] Lillie, Emmast & Laskey — Chondromucinase from bovine testis and chondromucin of the umbilical cord., *Arch. of Pathol.*, 52 (1951), 363.

[2] Bunting — The ground substance of the mesenchyme and hyaluronidase. *Am. N. Y. Acad. Scien.*, 52 (1950), 977. In *Exc. Med.* (1), 1951, pág. 456.

relativamente à metacromasia da córnea; no entanto, exactamente nas mesmas condições, essa diversidade foi evidente em relação à metacromasia das granulações dos mastocitos.

Do conjunto das pesquisas sobre a metacromasia da córnea, quatro factos sobressaem e merecem ser apontados: *a*) existência da metacromasia sòmente no estroma e na membrana de Bowman; *b*) a variação da metacromasia com as alterações oculares e sobretudo corneanas; *c*) a ausência de metacromasia nas alterações graves do globo; *d*) a ausência de efeito de Kinaden e do Hyason sobre esta mesma metacromasia.

RESUMO

Em 16 córneas de ratinho, coelho e cão, quase todas normais, e em dezoito córneas humanas, três delas sem alterações, o A. estuda, em preparações histológicas, a distribuição e variações dos compostos sulfidrilados livres e incorporados na molécula proteica e bem assim das substâncias metacromáticas.

Pelo que diz respeito aos compostos SH, o A. é de opinião: 1.º) que os compostos sulfidrilados sòmente se encontram no epitélio, na Descemet e no endotélio; 2.º) que a presença e normal distribuição destes compostos não é modificada pelas alterações oculares e mesmo da córnea.

Quanto às substâncias cromótropas e à metacromasia, o A. verificou: 1.º) a existência de metacromasia únicamente no estroma e na membrana de Bowman; 2.º) variações da metacromasia conforme o estado ocular; 3.º) ausência de metacromasia nas alterações graves do globo; 4.º) ausência de efeito do Kinaden e Hyason sobre esta mesma metacromasia.

Trabalho do Centro de Estudos de Medicina Esperimental. *Subsidiado pelo* «Instituto para a Alta Cultura».

RÉSUMÉ

Par la méthode histologique, l'A. a étudié la distribution et les variations des substances sulfhydrilées libres et fixées aux protéines et des substances métachromatiques. Il a utilisé 34 cornées, les unes normales, les autres pathologiques, 16 de mammifères (souris, lapin et chien) et 18 humaines.

Pour ce qui concerne les substances -SH, l'A. admet, a) qu'on ne trouve des substances sulfhydrilées que dans l'épithélium, dans la Descemet et dans l'endothélium; b) que la présence et la distribution normal de cettes substances n'est pas modifiée par les alterations de l'oeil ou de la corné.

Pour ce qui regarde les substances chromotropes et la métachromasie, l'A. a verifié: a) la présence de métachromasie seulement dans la membrane de Bowman et dans le stroma cornéen; b) l'existence de variations de la métachromasie selon l'état oculaire; c) la disparition de la métachromasie dans les alterations considérables du globe; d) l'invariabilité de cette métachromasie aprés l'action du *Kinaden* et du *Hyason*.

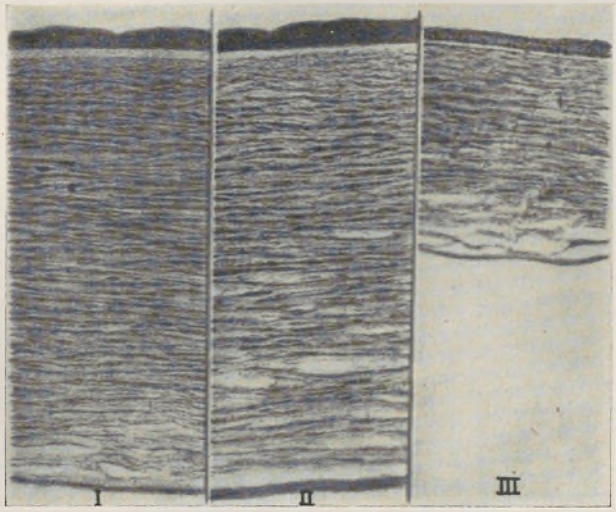


FIG. 1

OH 98 — Francisco S., 43 anos: O.S. — Perfuração do Globo; irido-ciclite

I — Compostos SH livres — glutatião reduzido
II — Compostos SH livres — glutatião total
III — Compostos SH fixos

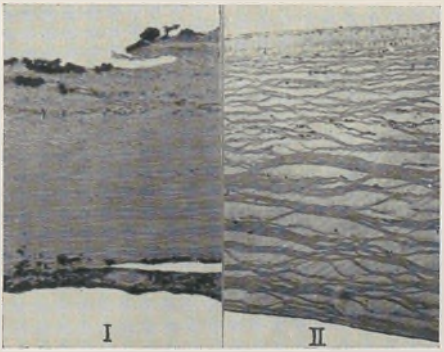


FIG. 2

OH3 — José F. L., 61 anos: OD — Úlcera da córnea; uveite; hipertensão ocular

I — Metacromasia na córnea ulcerada
II — Metacromasia na córnea normal

FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS

(Propriété du Laboratoire d'Anatomie et de l'Institut d'Histologie et d'Embryologie)

EDITEUR: PROF. MAXIMINO CORREIA

Les FOLIA ANATOMICA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS publient des mémoires originaux et des études d'Anatomie descriptive et topographique, d'Anatomie pathologique, d'Histologie et d'Embryologie.

Les FOLIA rédigées en portugais sont suivies d'un résumé en français, en anglais ou en allemand, au choix de l'auteur. Les fascicules contenant, une ou plusieurs FOLIA, paraissent au fur et à mesure que les articles sont imprimés, d'après l'ordre de réception des manuscrits.

Les manuscrits adressés a la rédaction ne sont pas rendus à leurs auteurs même quand ils ne sont pas publiés.

Les communications concernant la rédaction et l'administration des FOLIA ANATOMICA doivent être adressées à M. le Prof. Maximino Correia, Laboratoire d'Anatomie, Largo Marquez de Pombal, Coïmbre, Portugal.